

MARINHA DO BRASIL  
ESCOLA DE GUERRA NAVAL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ESTUDOS MARÍTIMOS

A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO SÉCULO XXI:  
DA AL-QAEDA AO DAESH

CARLOS EDUARDO LUZ GABRIEL

Rio de Janeiro  
2018

CARLOS EDUARDO LUZ GABRIEL

A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO SÉCULO XXI:  
DA AL-QAEDA AO DAESH

Projeto de pesquisa apresentado Curso de Mestrado Profissional em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Marítimos. Área de Concentração em Segurança, Defesa e Estratégia Marítima.

José Augusto Abreu de Moura

Rio de Janeiro  
2018

Gabriel, Carlos Eduardo Luz  
G118e A evolução do terrorismo islâmico no século XXI: da Al-Qaeda ao  
Daesh / Carlos Eduardo Luz Gabriel. - Rio de Janeiro, 2018.  
69f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Guerra Naval, Programa de  
Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), 2018.  
Orientador: José Augusto Abreu de Moura.

Bibliografia: f. 65-71.

1. Terrorismo – Oriente Médio. 2. Qaeda (Organização)  
3. IS (Organização). I. Escola de Guerra Naval (BRASIL). II. Título.

**CDD 303.625**

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Nathalice Bezerra Cardoso – CRB7/6128  
Biblioteca da Escola de Guerra Naval

CARLOS EDUARDO LUZ GABRIEL

A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO SÉCULO XXI:  
DA AL-QAEDA AO DAESH

Projeto de pesquisa apresentado Curso de Mestrado Profissional em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Marítimos. Área de Concentração em Segurança, Defesa e Estratégia Marítima.

Aprovada em 30 de julho de 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Augusto Abreu de Moura - Orientador  
Doutor do PPGEM-EGN

---

Prof. Dr. Nival Nunes de Almeida  
Doutor do PPGEM-EGN/UERJ

---

Prof. Dr. Marcio Rocha  
Doutor da UFF

*Dedico este trabalho aos meus filhos – que as minhas ausências sejam compensadas pelo exemplo de que nunca é tarde para se reinventar e crescer sempre, jamais sabendo a hora de terminar.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente ao Criador, que permitiu tudo até aqui.

Ao meu orientador, Comandante José Augusto, que, com sua paciência e sabedoria, me apoiou e me tranquilizou diante deste desafio.

Aos meus amigos do curso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), da Escola de Guerra Naval (EGN), que neste breve período de nossas vidas permitiram que formássemos uma verdadeira família, encontrando nas semelhantes vicissitudes o apoio mútuo tão necessário para o sucesso de todos.

Aos meus pais Eduardo e Graça, simplesmente porque sou filho de uma professora que é uma guerreira na vida e de um guerreiro que é um professor de vida, moldando, desta forma, o que sou.

## RESUMO

As organizações terroristas Al-Qaeda e a autointitulada Estado Islâmico conquistaram espaço territorial em países do Oriente Médio, principalmente no Iraque e na Síria, devido ao seu apelo ideológico e questões conjunturais nesses territórios que vêm sendo criadas há algumas décadas. Essa pesquisa analisa o processo de formação dessas duas organizações, desde a composição inicial da Al-Qaeda até a formação do “Califado” pelo Estado Islâmico, que se originou do braço iraquiano da Al-Qaeda. A importância desse trabalho se relaciona ao fato de que tais movimentos extremistas apresentavam-se cada dia mais desafiadores à paz e à segurança internacional e seus ensinamentos tornaram-se mais dogmáticos, conquistando adeptos em várias partes do mundo. Quais fatores teriam contribuído para o protagonismo da Al-Qaeda e do Estado Islâmico como organizações terroristas islâmicas no Século XXI? Para responder à essa questão central, foram utilizados o método de abordagem dedutivo e comparado e a técnica de observação indireta, por meio da pesquisa bibliográfica. Como base teórica, foram utilizadas as Teorias das Relações Internacionais que tratam dos fenômenos relativos à ação humana que transcende o espaço geopolítico dos Estados. Ao analisar o desenvolvimento e mobilização de tais agrupamentos, o estudo conclui que os fatores que possibilitaram o fortalecimento dessas organizações terroristas e a transição da Al Qaeda para o Daesh foi a evolução da conjuntura política no Oriente Médio desfavorável ao Estado do Iraque, após 1990.

**Palavras-chave:** Al-Qaeda. Estado Islâmico. Daesh. Terrorismo. Segurança internacional.

## ABSTRACT

The terrorist organizations Al-Qaeda and the self-styled Islamic state have conquered territorial space in Middle Eastern countries, mainly in Iraq and Syria, due to their ideological appeal and conjunctural issues in those territories that have been created decades ago. This research analyzes the process of formation of these two organizations, from the initial composition of Al-Qaeda to the formation of the "Caliphate" by the Islamic State, which originated from Al-Qaeda's Iraqi arm. The importance of this work is related to the fact that such extremist movements are increasingly challenging international peace and security and their teachings have become more dogmatic and conquered in various parts of the world. What factors would have contributed to the role of Al Qaeda and the Islamic State as Islamic terrorist organizations in the 21st century? In order to answer this central question, the methods of deductive approach and comparative the technique of indirect observation were used, through bibliographical research. As a theoretical basis, International Relations Theories dealing with the phenomena related to human action that transcend the geopolitical space of the States were used. In analyzing the development and mobilization of such clusters, the study concludes that the factors that allowed the strengthening of these terrorist organizations and the transition from Al Qaeda to Daesh was the evolution of the political situation in the Middle East unfavorable to the State of Iraq after 1990.

**Keywords:** Al-Qaeda. Islamic State. Daesh. Terrorism. International security.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQAP	<i>Al-Qaeda na Península Arábica</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
DAESH	<i>al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa 'al Sham</i>
EI	Estado Islâmico
ELF	<i>Earth Liberation Front</i>
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
FIS	Frente Islâmica de Salvação
GIS	Grupo Islâmico Armado
GSPC	Grupo Salafista para a Predicação e o Combate
IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
ISIS	<i>Islamic State of Iraq and Syria</i>
LTTE	<i>Liberation Tigers of Tamil Eelam</i>
MAK	<i>Maktab al Khidmat lil Mujahidin al-Arab</i>
MANPADS	<i>Man-portable air-defense systems</i>
NIF	<i>National Islamic Front</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
TF	Tríplice Fronteira

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 A AL-QAEDA</b> .....	<b>21</b>
<b>1.1 A história da Al-Qaeda</b> .....	<b>23</b>
<b>1.2 Estrutura organizacional da Al-Qaeda</b> .....	<b>25</b>
1.2.1 Ideologias.....	26
1.2.2 Divisão das células.....	28
1.2.3 Motivação .....	31
1.2.4 A tecnologia da base .....	33
<b>2 O DAESH</b> .....	<b>37</b>
<b>2.1 O que é o Estado Islâmico</b> .....	<b>37</b>
2.1.1 A Jihad .....	38
2.1.2 Sunitas versus Xiitas .....	39
2.1.3 A Guerra Santa.....	40
2.1.4 Os objetivos do Daesh .....	41
2.1.5 O líder – Abu Bakr al-Baghdadi .....	44
2.1.6 Publicidade.....	46
<b>3 COMPARAÇÃO POLÍTICA E IDEOLÓGICA: UMA HISTÓRIA DE ANIMOSIDADE</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1 Diferenças entre a Al-Qaeda e o Daesh</b> .....	<b>48</b>
3.1.1 Visão política .....	48
3.1.2 Perfis de ameaça .....	52
3.1.3 Implicações .....	57
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

A palavra francesa *terrorisme* (do latim *terror, terroris* - terror, espanto) foi empregada pela primeira vez em 1794 com o sentido preciso e restrito de “doutrina dos partidários do Terror”. Esse mesmo sentido seria usado em inglês um ano depois, sendo que, em português, o termo só foi incluído no vernáculo em 1836. Conforme discursou Robespierre, líder do Terror<sup>1</sup>, “Se a base de um governo popular em tempos de paz é a virtude, logo, sua base em tempos de revolução é a virtude e o terror – virtude sem a qual o terror seria barbárie, e terror sem o qual a virtude seria impotente” (LINTON *apud* ROBESPIERRE, 2006, tradução nossa)<sup>2</sup>. Sua fala foi proferida em 1794, pouco antes de ser derrubado do poder e guilhotinado.

De acordo com esse conceito, enquanto os terroristas do passado eram políticos pragmáticos (a maioria dos antigos terroristas é caracterizada como extremista nacionalista), os novos terroristas são definidos principalmente como extremistas religiosos e desejam apenas destruir os seus opositores. São muitas vezes descritos como milenaristas<sup>3</sup>, com visões apocalípticas. São absolutistas que não têm agenda política prática. Assim, suas demandas são sempre consideradas não negociáveis.

Em tempos modernos, isto indica o assassinato de seres humanos por atores políticos não governamentais por várias razões, geralmente como uma declaração política. Esta interpretação veio de radicais russos na década de 1870. Sergey Nechayev<sup>4</sup>, o fundador da “Retribuição do Povo” em 1869, viu-se como um terrorista. Na década de 1880, o escritor anarquista alemão Johann Most<sup>5</sup> ajudou a promover a essência moderna da palavra, dando conselhos para terroristas.

---

<sup>1</sup> O período do Terror foi instalado pelo líder francês Maximilien Robespierre, entre 5 de setembro de 1793 a 27 de julho de 1794, na época da Revolução Francesa (1789-1799).

<sup>2</sup> *If the basis of popular government in peacetime is virtue, the basis of popular government during a revolution is both virtue and terror; virtue, without which terror is baneful; terror, without which virtue is powerless.*

<sup>3</sup> Milenarismo é um movimento social, geralmente de caráter religioso, que acredita em algum tipo de salvação total, coletiva e iminente.

<sup>4</sup> Sergey Gennadiyevich Nechayev (1847-1882) foi um anarquista revolucionário russo que ficou associado ao Movimento Niilista e reconhecido pela obstinação de fomentar a revolução utilizando qualquer meio necessário, incluindo a violência política.

<sup>5</sup> Johann Joseph Most (1846-1906) foi um anarquista propagandista alemão que viveu boa parte de sua vida nos Estados Unidos. Na segunda metade do Século XIX, Most ganhou notoriedade por sua oratória através da qual advogava pela estratégia da "propaganda pela ação", cujos adeptos, geralmente anarquistas ilegalistas, promoveram ações diretas violentas contra indivíduos em altos postos em setores governamentais e cargos importantes em empresas capitalistas, com o objetivo de forçar a mudança revolucionária e inspirar futuras ações em outros.

Pode-se dizer que o terrorismo, em certo aspecto, é a exposição da legitimidade de combates autoproclamados de libertação. Em alguns países, a palavra tornou-se virtualmente sinônimo de ‘opponentes’. Por exemplo, os chineses chamam os tibetanos pacíficos de terroristas. Apesar de realizarem seus protestos sem violência, são conhecidos pelos chineses como terroristas viciosos. No Zimbábue, o presidente Robert Mugabe<sup>6</sup> considera a oposição democrática de maneira semelhante.

O terrorismo é um termo pejorativo; quando as pessoas o empregam, caracterizam as ações dos inimigos como algo maligno e sem compaixão humana, sendo considerado pior do que a guerra, a tortura ou o assassinato. Um termo depreciativo, repleto de significados negativos e derogatórios.

Também pode ser entendido como sendo a prática de atos violentos contra um país, um governo, uma classe dominante ou mesmo pessoas indeterminadas, com o objetivo de causar terror e fragilizar o poder estabelecido, de forma a tentar impor determinados objetivos, geralmente de ordem política. De uma forma generalizada, trata-se de um sistema que utiliza o terror e medidas violentas para tomar ou manter o poder.

A principal característica do terrorismo é o uso ilegal de violência e intimidação, especialmente contra civis, na busca de objetivos políticos. É considerado por alguns como um combate pela liberdade, independentemente de quem o esteja praticando. Trata-se basicamente de um esquema de evolução das estruturas repressivas, em que, primeiramente, figura a existência de mecanismos de persuasão e opressão na reprodução material de toda e qualquer sociedade onde atue.

Finalmente, pode-se dizer que é um termo que se usa para desqualificar um inimigo na concepção negativa e inerente ao terror, ou para justificar a luta por uma causa. É uma forma de violência política que se distingue de outras por seu caráter moralmente questionável. Pode ser visto como a violência exercida com fins políticos por grupos rebeldes, uma população civil, seja por parte do Estado ou de grupos não estatais de magnitude menor que a guerra, sendo protagonizada por agentes clandestinos e dirigidos contra não combatentes, com o propósito de criar um clima favorável aos propósitos políticos dos terroristas.

Independente de qual seja o conceito que se possa dar a esse fenômeno, o terrorismo constitui, em todas as suas formas e manifestações, uma das mais sérias ameaças à paz e à segurança, em que quaisquer atos são criminosos e injustificáveis, não importando quando,

---

<sup>6</sup> Robert Gabriel Mugabe é ex-presidente do Zimbábue. Liderou o país primeiro como primeiro-ministro e, a partir de 1987, como presidente com poderes executivos. Em novembro de 2017, foi afastado do poder pelos militares, ainda que estes neguem ter dado um golpe, sendo também destituído do cargo de presidente do partido, renunciando ao cargo mais tarde.

onde e por quem sejam cometidos. É uma barbárie que tem causado inúmeras mortes e gerado a preocupação dos demais Estados nacionais, tanto aqueles que já foram alvos como daqueles que poderão ser, uma vez que, por mais segurança que se possa ter, nenhum desses estão livres de sofrer um ataque dessa natureza.

Guerrilha e insurgência são bons lugares para começar o terrorismo, que muitas vezes é confundido, equiparado, ou tratado como sinônimo de guerrilha ou guerra de insurgência. Isso não é inteiramente surpreendente, já que guerrilheiros e insurgentes costumam empregar as mesmas táticas (assassinato, sequestro, ataque, bombardeios de lugares com aglomeração de pessoas, reféns etc.) para os mesmos fins (intimidar ou coagir, afetando desse modo o comportamento através da excitação do medo), como terroristas.

Além disso, terroristas, tal como as guerrilhas e insurgentes, não costumam usar insígnias, uniformes nem identificadores e, portanto, muitas vezes são indistinguíveis de não-combatentes, ou seja, da população civil. No entanto, apesar da inclinação em classificar terroristas, guerrilheiros e insurgentes na mesma categoria de “forças irregulares”, existem diferenças fundamentais entre os três. A guerrilha, por exemplo, em sua acepção mais ampla, se refere a um grupo numericamente maior de indivíduos armados que operam como uma unidade militar e combatem forças militares inimigas, exercendo alguma forma de soberania ou controle sobre uma determinada área e sua população.

Os insurgentes compartilham essas mesmas características. No entanto, sua estratégia e operações transcendem ataques de sucesso e abraçam uma causa, o que no passado levou a serem designados como “guerrilheiros revolucionários”. A guerra revolucionária moderna ou guerra popular é comumente denominada “insurgência”. Assim, além de táticas militares irregulares que caracterizam operações de guerrilha, insurgências envolvem tipicamente informações coordenadas tais como, a propaganda, as operações psicológicas e esforços de guerra destinados a mobilizar o apoio popular em uma luta contra um governo nacional estabelecido, o poder imperialista ou a força ocupação estrangeira.

Os terroristas, no entanto, não funcionam abertamente como unidades armadas. Geralmente evitam deliberadamente engajar as Forças militares inimigas no combate, são limitados numericamente e logisticamente, tanto para realizar esforços concertados de mobilização política em massa quanto para exercer controle direto ou governança sobre uma população em qualquer âmbito, local ou nacional.

Deve-se enfatizar que nenhuma dessas categorias são puras, existindo uma sobreposição considerável. Grupos terroristas estabelecidos como Hezbollah, FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e os LTTE (Liberation Tigers of Tamil and Eelam,

ou Tamil Tigers), por exemplo, são frequentemente descritos como movimentos de guerrilha devido ao tamanho, tática e controle sobre o território e a população.

A edição de 2003 do *Country Reports on Terrorism*<sup>7</sup>, do Departamento de Estado Americano, especificamente citou o desafio de fazer distinções significativas entre essas categorias, lamentando como a linha entre insurgência e o terrorismo tornou-se cada vez mais tênue, com ataques a alvos civis tornando-se mais comuns. O Departamento de Estado considera ataques contra os EUA e as forças militares da coalizão por eles liderada no Iraque como operações de forças insurgentes. Já os incidentes, como os atentados suicidas perpetrados em agosto de 2003 por veículos à sede da ONU em Bagdá e à embaixada da Jordânia naquela cidade, assassinatos de diplomatas japoneses e sequestro e assassinato de trabalhadores humanitários e empreiteiros civis, como ataques terroristas.

Por conseguinte, a regra é que os leais do Partido Baath<sup>8</sup> e outros ex-elementos do regime que organizaram assaltos ou de ataque de guerrilha ou realizaram ataques usando IED (dispositivos explosivos improvisados) nas estradas são considerados “insurgentes”; enquanto os *jihadistas* estrangeiros e os extremistas islâmicos domésticos que pertencem a grupos como Al-Qaeda na Mesopotâmia, responsável pela maioria dos ataques suicidas e a decapitação de reféns gravados em vídeo, são rotulados como terroristas.

Também é útil distinguir os terroristas dos criminosos comuns, pois terroristas e criminosos usam a violência como meio para atingir a um fim específico. Contudo, enquanto o próprio ato violento pode ser semelhante – sequestro, tiroteio e incêndio criminoso, por exemplo – o propósito ou motivação é claramente diferente.

Se o criminoso emprega violência como meio de obter dinheiro, adquirir material e bens, ou para matar ou ferir uma vítima específica por pagamento, ele age principalmente por motivações egoístas e pessoais (geralmente ganho de material). Além disso, ao contrário do terrorismo, o ato violento do criminoso comum não foi projetado ou pretendido para ter consequências ou criar repercussões psicológicas além do ato em si.

---

<sup>7</sup> Country Reports on Terrorism é um relatório anual publicado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. Em 2005, substituiu o relatório Patterns of Global Terrorism, publicado desde 1985. Disponível em: <<https://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2003/index.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>8</sup> O Partido Social Árabe Baath ou *Ba'ath* foi um partido político fundado na Síria. O partido defendia o Baathismo. Em árabe: *Al-Ba'ath* que é uma mistura ideológica de nacionalismo árabe, pan-arabismo, socialismo árabe e anti-imperialismo. O Baathismo pedia unificação do mundo árabe em um único estado. Seu lema, "Unidade, Liberdade, Socialismo", refere-se à unidade árabe, e liberdade de controle e interferências não-árabes. O partido foi fundado pela fusão do movimento árabe Baath e o Baath Árabe, em 7 de abril de 1947, como o Partido Baath. Frações do partido rapidamente se estabeleceram em outros países árabes, embora só tivesse o poder no Iraque e na Síria. O Partido Árabe Baath fundiu-se com o Partido Socialista Árabe, em 1952, para formar o Partido Social Árabe Baath.

O criminoso pode naturalmente usar algum ato de violência de curto prazo para aterrorizar a sua vítima, como agitar uma arma diante de um funcionário do banco durante um roubo, a fim de assegurar o cumprimento expedito do funcionário. Nesses casos, no entanto, o ladrão de bancos não transmite nenhuma mensagem política, por meio de seu ato de violência, além de propiciar a entrega rápida de seu saque sobre a instituição; por conseguinte, o delito não tem qualquer efeito além do próprio incidente ou da vítima imediata. Mais precisamente, a violência não é concebida nem pretende transmitir qualquer mensagem para qualquer pessoa que não seja o funcionário do banco, cuja cooperação rápida é a único objetivo do assaltante.

Talvez o mais fundamental é que o delinquente não está preocupado em influenciar ou afetar a opinião pública; ele simplesmente quer fugir com o dinheiro ou realizar sua tarefa criminosa o mais rápido e da maneira mais fácil possível, para que possa colher sua recompensa e aproveitar os frutos de seus trabalhos. Em contrapartida, o objetivo fundamental da violência do terrorista é mais ideológico: mudar o sistema sobre o qual atua.

O terrorista também é muito diferente do assassino comum, que pode usar táticas idênticas como uso de explosões e armas de fogo, por exemplo, e talvez até procure o mesmo objetivo, como a morte de uma figura política. No entanto, enquanto as táticas e os alvos de terroristas e assassinos solitários são muitas vezes idênticos, seu propósito é diferente.

Considerando que o objetivo do terrorista é indiscutivelmente político (para mudar ou alterar fundamentalmente um sistema político através de seu ato violento), o objetivo do assassino lunático é mais frequentemente intrinsecamente idiossincrático, completamente egocêntrico e profundamente pessoal. John Hinckley, que tentou matar o presidente dos EUA Ronald Reagan em 1981 para impressionar a atriz norte-americana Jodie Foster, é um exemplo disso (NYT, 1982). Não foi motivação política ou convicção ideológica, mas para cumprir alguma busca pessoal profunda: o reconhecimento de seu ídolo.

A este respeito, mesmo que o assassino Sirhan<sup>9</sup> do candidato presidencial e senador norte-americano Robert Kennedy em 1968, tenha tido uma motivação política (para protestar contra o apoio dos EUA a Israel), é discutível se o assassinato deve ser definido como um ato terrorista, já que Sirhan não pertencia a nenhum grupo político organizado e não há provas de que ele foi diretamente influenciado ou inspirado por um político ou terrorista identificável no

---

<sup>9</sup> Sirhan Bishara Sirhan é o assassino confesso do senador Robert F. Kennedy. O senador foi atingido por dois tiros no dia 5 de junho de 1968, no hall central do Hotel Ambassador. O assassino se encontrava na cozinha, onde presumivelmente trabalhava. Num dado momento, andou até o local onde o candidato Robert Kennedy já se despedia dos seus correligionários. Suas palavras, no momento, eram de otimismo com a candidatura a presidente dos EUA, momento em que encerrava seu discurso para centenas de partidários reunidos em comemoração a sua presumível vitória. A maioria dos convidados já se aglomerava a sua volta. Robert Kennedy já era vitorioso na fragorosa vitória das eleições primárias do Partido Democrata na Califórnia, em sua campanha à presidência dos Estados Unidos.

movimento. Em vez disso, o assassino atuou inteiramente por conta própria, por completa e pessoal frustração e um *animus*<sup>10</sup> profundo.

Finalmente, deve-se enfatizar que, ao contrário do criminoso comum ou o assassino lunático, o terrorista não está perseguindo objetivos puramente egocêntricos; ele não é conduzido pelo desejo de encher seu próprio bolso ou satisfazer alguma necessidade pessoal ou reclamação. O terrorista é fundamentalmente um altruísta: ele acredita que está servindo a uma boa causa, projetada para alcançar um bem maior para uma coletividade (seja real ou imaginada) que ele e sua organização pretendem representar. O criminoso, em comparação, não possui nenhuma causa apenas o seu próprio engrandecimento pessoal e saciedade material.

No entanto, a posse ou identificação de uma causa não é um critério suficiente para rotular alguém como terrorista. Neste aspecto, a diferença entre terroristas e extremistas políticos é clara. Se não há violência na busca da efetivação de atos que defendam suas crenças, eles não podem ser considerados terroristas. O terrorista é fundamentalmente violento, ideológico, preparado para usar e, de fato, comprometido em usar a força para a realização de seus objetivos.

A evolução desse fenômeno o deixa indiscutivelmente mais fácil de se definir no passado do que nos dias de hoje. Anteriormente, para se qualificar um ato como terrorismo, a violência deveria ser perpetrada por um indivíduo que atua a pedido, ou em nome, de alguma entidade organizacional existente, ou movimento, com pelo menos alguma estrutura conspiratória e uma identificável cadeia de comando. Este critério, no entanto, não é mais suficiente. Em anos recentes, uma variedade de movimentos terroristas adotou cada vez mais a estratégia de “redes sem líderes” para frustrar a aplicação da lei, as forças policiais e os esforços das agências de inteligência em penetrá-los.

Craig Rosebraugh<sup>11</sup>, publicista de um grupo ambientalista radical que se chama de Frente de Libertação da Terra (ELF), descreveu o movimento em uma mensagem de vídeo como um projeto deliberadamente concebido como uma série de células em todo o país sem cadeia de comando ou participação. Apenas uma filosofia compartilhada. Segundo ele, o movimento é projetado sem liderança central, evitando que as autoridades possam eliminar os líderes e a organização seja extinta. No vídeo, Rosebraugh aconselha que “indivíduos

---

<sup>10</sup> Espírito ou sentimento de franca hostilidade.

<sup>11</sup> Craig Rosebraugh é um ativista político que, desde o início da década de 1990, quando se opôs à primeira Guerra do Golfo, esteve envolvido em várias campanhas de direitos humanos, proteção ambiental e de proteção aos animais.

interessados em se tornar ativos na ELF devem seguir diretrizes e formar suas próprias células anônimas fechadas com pessoas de confiança”<sup>12</sup> (EARTH LIBERATION FRONT, 2012).

Ele faz outra advertência: “Lembre-se, o ELF e cada célula dentro dele são anônimos não apenas um ao outro, mas ao público em geral”<sup>13</sup>. Kevin Fraveau, funcionário sênior do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) revelou que o ELF “não é um grupo em que você pode colocar os dedos” e, portanto, é extremamente difícil de se infiltrar (BARRY; BAKER, 2001).

Este tipo de adversário em rede é uma nova e diferente modelagem de terrorista. São entidades às quais as definições organizacionais tradicionais não são perfeitamente aplicáveis. Essas organizações são povoadas por indivíduos motivados ideologicamente, inspirados e estimulados por um movimento ou líder, mas não formalmente pertencentes a um grupo terrorista específico, identificável. Não seguem diretamente as ordens emitidas por sua liderança e, portanto, estão fora de qualquer cadeia de comando estabelecida. É um tipo de estrutura e abordagem que a Al-Qaeda também procurou implementar.

Ayman al-Zawahiri, político de Osama bin Laden e chefe da Al-Qaeda, exaltava esta estratégia em seu chamado clarinismo<sup>14</sup> para a *jihad* (árabe). Em seu livro “*Knights Under the Prophet's Banner*” (Cavaleiros sob a bandeira do Profeta: Meditações sobre o Movimento Jihadista), chamava para a “luta” ou “guerra santa”. No capítulo intitulado “Grupos pequenos poderiam assustar os americanos”, revela modos de tratamento por meio do terror para cidadãos de determinadas nacionalidades ou étnicos, como americanos e judeus que, segundo seu entendimento, podem ser mortos a bala, facada, explosivos ou até mesmo uma barra de ferro, sugerindo, inclusive a destruição de propriedades com o uso de coquetéis *molotov* (AL-ZAWAHIRI, 2008).

Seja denominado resistência sem líderes, redes celulares fantasmas, unidades de liderança, células autônomas, rede de redes ou lobos solitários, este novo paradigma de conflito está em conformidade com o que John Arquilla e David Ronfeldt (2006) chamam de Guerra em Redes – um modo emergente de conflito, ou crime, a níveis sociais, com um pouco de guerra tradicional, em que os protagonistas usam formas de rede de organização, doutrinas, estratégias e tecnologias relacionadas e em sintonia com a era da informação. Os protagonistas geralmente se constituem em organizações dispersas, pequenos grupos e

<sup>12</sup> “Individuals interested in becoming active in the Earth Liberation Front should follow guidelines and form their own closed anonymous cells with trusted people”.

<sup>13</sup> “Remember, the ELF and every cell within it are anonymous not just to each other but to the general public.”

<sup>14</sup> Síndrome que se caracteriza por um estado de alienação com percepção distorcida da realidade. O termo foi criado baseado nos efeitos que alguns especialistas afirmam ser originados pelo consumo crônico dos meios de difusão do grupo de comunicação argentino Clarín. “Definición: se trata de un síndrome que se caracteriza por un estado de enajenación con percepción distorsionada de la realidad, provocado por el consumo crónico de medios de difusión pertenecientes al grupo Clarín” (SCHOLL, 2014, tradução nossa).

indivíduos que se comunicam, coordenam e conduzem suas campanhas pela internet, muitas vezes sem um comando central preciso.

Ao contrário da estrutura hierárquica e piramidal que tipificava grupos terroristas do passado, esse novo tipo de organização é mais linear. Embora exista uma liderança, seu papel pode ser mais titular do que efetivamente real, sendo menos uma relação de comando e controle direto e mais inspiradora e motivacional.

Arquilla e Ronfeldt (2006) explicam que a estrutura organizacional é bastante plana. Não existe um único líder ou comandante central; a rede como um todo tem pouca ou nenhuma hierarquia, podendo haver vários líderes. A tomada de decisões e as operações são descentralizadas e dependem da construção de consenso consultivo que permite a iniciativa local e autonomia. O *design* dessa estrutura pode ser acéfalo e policéfalo – ou seja, não tem coração preciso ou cabeça, embora nem todas as intercessões possam ser criadas iguais.

Como parte desta estratégia sem liderança, as células terroristas autônomas locais planejam e executam ataques independentemente uns dos outros ou de qualquer comando central, mas por meio de seus esforços individuais. Apesar dessas células terroristas e indivíduos solitários poderem ser menos sofisticados e, portanto, menos capazes que suas contrapartes mais profissionais e treinadas – que são os membros de grupos terroristas estabelecidos –, esses amadores podem ser muito perigosos.

Trechos de um documento contendo o planejamento estratégico recente do FBI, divulgados pela imprensa americana, descreve os lobos solitários como os mais significativos pois “não são afetados pelas restrições organizacionais que podem atrasar a tomada de decisões em grupos terroristas estabelecidos” (BBC BRASIL, 2004).

Esses indivíduos demonstram baixos níveis de competência e autonomia ideológica. Aproveitam a ideologia de uma organização existente, mas falta a competência social necessária para obter aceitação no grupo. A baixa competência social e a adoção da ideologia de um grupo sugerem que as queixas pessoais podem motivar fortemente seguidores solitários, levantando questões sobre se o ataque constitui terrorismo (ALFARO-GONZALEZ et al, 2015).

Face às considerações expostas, é possível elaborar uma definição de ‘terrorismo’ como a criação deliberada e exploração do medo através da violência ou da ameaça de violência na busca de mudanças políticas. Todos os atos terroristas envolvem violência ou ameaça de violência. O terrorismo é projetado especificamente para alcançar efeitos psicológicos além da vítima imediata ou objeto do ataque. É elaborado para provocar medo e,

assim, intimidar um público-alvo maior que pode incluir um grupo étnico ou religioso rival, um país inteiro, um governo nacional ou um partido político, ou a opinião pública em geral.

O terrorismo é projetado para criar poder onde não existe ou para consolidar o poder, onde há muito pouco. Através da publicidade e repercussão gerada por sua violência, os terroristas procuram obter influência e poder, que de outra forma não teriam, para efetuar mudanças políticas em âmbito local ou em escala internacional.

O objetivo geral desse trabalho é relatar, a partir de uma análise histórica, como se deu o surgimento da Al-Qaeda no Afeganistão e o que motivou a transformação de seu braço iraquiano no Daesh. Ainda que existam diversas organizações terroristas espalhadas por áreas distintas do planeta, como Hamas, Hezbollah, Talibã e outras, para fins desta pesquisa, será abordada especificamente a evolução desses dois grupos, que se consolidaram no período compreendido entre 1996 e 2016, a partir da seguinte questão norteadora: Teria a transformação da conjuntura política no Oriente Médio, desfavorável ao Estado do Iraque nas duas guerras recentes, com predomínio dos países do Ocidente e de Israel na região, após 1990, provocado essa mudança? Essa possibilidade, que será analisada neste estudo, diz respeito a três situações principais: à presença de forças ocidentais na Arábia Saudita após a Guerra do Golfo (1990-1991); à destruição do Iraque como Estado, com a vitória anglo-norte-americana na invasão de 2003; e ao surgimento da ideologia do Estado Islâmico Iraque-Síria devido ao vácuo do poder deixado pela morte de Sadam Hussein, em 2006.

Como objetivos específicos, pretende-se identificar, com base em informações bibliográficas, o desenvolvimento da Al-Qaeda e do Daesh como organizações terroristas; analisar a ascendência da Al-Qaeda e do Daesh como principais organizações terroristas do Século XXI; e identificar e analisar as semelhanças e diferenças dos objetivos políticos e formas de atuação existentes entre a Al-Qaeda e o Daesh.

Essa pesquisa se justifica pela ascendente importância e destaque que os atos de terrorismo islâmico têm adquirido globalmente nas últimas décadas e os efeitos negativos produzidos nos Estados e em seus cidadãos, com riscos inequívocos para a paz e segurança internacionais.

Como hipótese, defende-se que a transição da Al Qaeda para o Daesh foi provocada pela evolução da conjuntura política no Oriente Médio desfavorável ao Estado do Iraque nas duas guerras e com predomínio dos países do Ocidente e de Israel na região, após 1990. Seu *modus operandi* é uma resposta a demandas e contextos políticos e religiosos específicos locais, regionais e globais característicos do Século XXI, onde não existe mais a bipolaridade da Guerra Fria. Enquanto alguns grupos escolheram agir

na cena política tradicional com ideais mais flexíveis, os extremistas islâmicos optaram por posturas radicais e violentas, buscando projeção regional e internacional, baseados em valores islâmicos como instrumento para seus fins políticos.

Para entender a dimensão do terrorismo no presente Século, é necessário retroceder cronologicamente para o final da segunda metade do Século XX, quando a escalada do terrorismo teve suas raízes em três eventos cruciais ocorridos: a Revolução Iraniana; o renascimento religioso global que se seguiu ao fim da Guerra Fria; e a retirada soviética do Afeganistão. O historiador americano Walter Laqueur (2002) descreveu a invasão soviética do Afeganistão, em 1979, como o “gatilho global” do terrorismo islâmico. Os afegãos que lutaram pela liberdade e resistiram à União Soviética, se autodenominaram *mujahidins* ou, em outras palavras, guerreiros santos. Após nove anos de guerra, a resistência dos *mujahidins* levou a União Soviética a se retirar do território em 1988, concluindo a saída em 1989. Esse conflito serviu de pano de fundo para a formação da Al-Qaeda, levando a um ambiente de instabilidade política no Afeganistão e desencadeando uma disputa entre os *mujahidins*, divididos em milícias que lutavam pelo poder. Com o fortalecimento dessa nova configuração terrorista, o mundo passou a conviver com o terror de uma forma mais latente. Desde o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 realizado pela Al-Qaeda, em que foram destruídas as torres do World Trade Center em Nova York (EUA), ficou demonstrado que não existe invulnerabilidade ao terrorismo moderno. Em um documento sem data, divulgado pelo governo dos EUA em 2016, Osama bin Laden elaborou uma carta endereçada ao povo americano na qual afirmava que a guerra entre os EUA e a rede Al-Qaeda já era a mais longa enfrentada pelo país e também a mais cara, mas que ainda estava na metade do caminho (DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, 2016). Tratando-se de ameaças internacionais, mesmo os Estados municiados com a mais alta tecnologia estão expostos, e nenhum sistema nacional de defesa é eficientemente seguro e abrangente.

Na nova ordem mundial, o terrorismo se coloca como contraponto ao poder dominante, agindo como presença ameaçadora e difusa pela surpresa, disseminando medo e destruição onde se instala. A ascensão da Al-Qaeda e do EI (Estado Islâmico ou Daesh) demonstra essa presença do terror. Para analisar tais fatos, a pesquisa seguiu os métodos dedutivo e comparado, que partem da observação das características dos objetos pesquisados, a identificação de suas partes constitutivas e a identificação das semelhanças e diferenças entre elas; somados à técnica de observação indireta, por meio da pesquisa bibliográfica. Como base teórica, foram utilizadas as Teorias das Relações Internacionais que analisam os fenômenos relativos à ação humana que transcende o espaço interno dos Estados. Percebe-se

que, quando tais agrupamentos se mobilizam para se relacionarem no Sistema Internacional, resta pouco espaço para que os governantes destes Estados se mantenham no poder, possibilitando que essas organizações ajam por meios violentos contra um opositor teoricamente mais forte, instalado nas organizações de Estado.

Esta pesquisa se divide em quatro capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro capítulo faz uma abordagem mais específica sobre a Al-Qaeda, seus objetivos, formas de atuação e outros aspectos inerentes. Essa irmandade teve como figura mais proeminente Osama bin Laden, que ganhou maior projeção internacional por ter sido responsável pelos atentados contra as torres gêmeas (World Trade Center), em Nova Iorque, ao Pentágono, em Arlington, e ao voo 93 na Pensilvânia, em 2001, nos EUA. Capturado e morto pelas forças norte-americanas em 2011, deixou seu legado para líderes atuais como o cirurgião de olhos Ayman al-Zawahiri e Nasser Abdul Karim al-Wuhayshi, gerente geral da organização desde sua origem.

O segundo capítulo apresenta o grupo extremista *Daesh*, também chamado de ISIS (*Islamic State in Iraq and Syria*)<sup>15</sup>, que foi criado entre 2003 e 2004, após a proclamação do Califado por seus fundadores: Abu Musab al-Zarqawi e Abu Bakr al-Baghdadi. O *Daesh* se considera o “Califado Islâmico” e controla vastas áreas de terra no oeste do Iraque e no leste da Síria. Eles também contam com a lealdade de diferentes grupos islâmicos radicais ao redor do mundo, que governam as autoproclamadas províncias.

No terceiro capítulo é realizada uma comparação entre esses dois grupos, suas diferenças e semelhanças, formas de agir, objetivos, filosofia, os países onde se encontram seguidores dessas organizações e sua relação com os últimos ataques terroristas, além de outras informações relacionadas ao grupo que contribuíram para uma melhor compreensão da evolução do terrorismo islâmico no norte da África, Oriente Médio e Ásia Ocidental.

Como resultado final da pesquisa, as considerações finais destacam os aspectos principais discutidos ao longo do trabalho, relativos à evolução do terrorismo islâmico no período considerado e as principais convergências e divergências entre esses dois destacados grupos da atualidade, a Al-Qaeda e o Daesh, colaborando para a compreensão sobre que fatores foram responsáveis seu protagonismo no movimento extremista islâmico e a instalação de uma nova era no terrorismo mundial.

---

<sup>15</sup> Estado Islâmico no Iraque e na Síria, tradução nossa.

## 1 A AL-QAEDA

A Al-Qaeda é o primeiro grupo terrorista multinacional do Século XXI. Trata-se de uma organização secreta, que utiliza outros nomes nas suas declarações (como a Frente Internacional pelo Jihad contra os Judeus e Cruzados) com a intenção de continuar na sombra, tentando assim deixar indefinidas as suas verdadeiras motivações e intenções. Se distinguiu por possuir a capacidade de adaptação a diferentes contextos. Nos seus ataques, tem demonstrado a sua forte vertente terrorista, que são marcados pela morte e destruição em massa e pela combinação de terroristas suicidas com alvos traumáticos no nível psicológico, em grande escala e escolhidos perspicazmente (GUNARATNA, 2004).

Segundo Zhebit e Silva (2009), o surgimento deste grupo foi resultante do processo de formação de Estados nacionais no Oriente Médio durante a segunda metade do Século XX, mais especificamente da incapacidade das ideologias seculares em resolver crises socioeconômicas desta região, assim, “o islamismo militante preencheu um vácuo deixado pelas falhas dos movimentos de esquerda seculares no Oriente Médio, para melhorar as condições do povo e afastar os regimes considerados corruptos do Egito e da Arábia Saudita” (GUNARATNA, 2004, p. 210).

Entre 1991 e 1996, a organização iniciou suas atividades no Sudão, quando manteve relações amigáveis com a NIF (*National Islamic Front*), um movimento que emergiu de grupos de estudantes muçulmanos de universidades durante a década de 1940. Entretanto, devido à pressão internacional, Bin Laden se sentiu forçado a se mudar para o Afeganistão em 1996, onde terminou se aliando ao Talibã, que então surgia como outro grupo terrorista.

Neste tempo, a Al-Qaeda recrutou novos combatentes *jihadistas* e os enviou à Bósnia, nos Bálcãs; à Tchetchênia, na Rússia; à Caxemira, na Índia, e a todas as principais zonas de guerra onde muçulmanos estavam em combate contra não muçulmanos. Ao mesmo tempo, Bin Laden saiu das sombras da guerra no Afeganistão e gravou mensagens de vídeo e áudio dirigidas a um público mundial de “guerreiros santos” dispostos, transformando-se em tamanha “personalidade” da mídia internacional, que veículos de comunicação norte-americanos como os canais CNN e ABC, o entrevistaram (GORKA, 2017).

Já no final de 2001, após os atentados de 11 de setembro e a consequente reação militar norte-americana contra suas instalações no Afeganistão, os seus campos de treinamento foram destruídos e o grupo se tornou um tanto difuso, com grande parte da sua liderança se deslocando para cidades do Paquistão para o Irã, a região montanhosa ao longo da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão.

A Al-Qaeda se reorganizou, então, ao longo de três frentes: exportar *jihadistas* para novos teatros de operações de guerrilha em todo o mundo; transformar-se na “face” global da *jihad* em termos de propaganda; e estabelecer células em todo o mundo para executar ataques terroristas contra o infiel (GORKA, 2017). Essas frentes se concentram no seu objetivo principal, que é espalhar a *jihad*, uma revolução islâmica armada para a sobreposição de todos os regimes não guiados pela lei islâmica, defendendo a expulsão de milícias e empresas ocidentais de todos os países muçulmanos.

Para certos grupos muçulmanos, a guerra santa (*jihad*) é um dever religioso para a defesa do Islã, executado por meio da luta e que pode ser cumprido, doutrinariamente falando, de três formas: a) pelo coração, purificando-se espiritualmente na luta contra o diabo; b) pela língua e pelas mãos, difundindo palavras e comportamentos que defendam o que é bom e corrijam o errado; c) ou pela espada, praticando a guerra física, em todo o mundo através de uma série de meios, incluindo o financiamento e treinamento de movimentos de guerrilha islâmica e étnica, emitindo propaganda destinada a inspirar os *jihadistas* independentes a cometer atos de terrorismo, e organizando e conduzindo ataques complexos a países que se opõe a essa ideologia. É uma organização, ao mesmo tempo que é um movimento ideológico. "Não se trata de uma questão alternativa, mas de ambas as coisas, tal como a luz é ao mesmo tempo uma onda e uma partícula" (BERGEN; HOFMAN; SIMON, 2007, p. 32).

Na Al-Qaeda, é realizada uma preparação de cada operação pelos líderes, o que envolve tudo o que é necessário para a concretização do ataque e, se for o caso, para o posterior escape, desde a escolha de armas, seleção de pessoas para cada tarefa, determinação do plano de ataque ou a preparação de documentos de identificação falsos. Isto é, sempre que os ataques não envolvam táticas suicidas (ILARDI, 2008).

Pode-se dizer que a organização é financiada, em grande parte, por doações de caridade, algumas voluntárias e outras desviadas por simpatizantes de instituições de caridade do Golfo Pérsico, chegando a ter, inclusive, um orçamento anual estimado de cerca de 30 milhões de dólares.

Apesar de seu sentido original, nos primeiros séculos da era islâmica, ter sido efetivamente ‘o governo sob o comando de Deus’, onde a estrutura de poder estava intrinsecamente relacionada com as instituições religiosas, a *jihad* assumiu recentemente um caráter apologético doutrinário mesclado com questões políticas na forma de ativismo, incluindo a guerra entre Estados, guerrilha e terrorismo. Youssef Cherem (2009, p.85) explica que:

Como forma de resistência, (*a jihad*) assimilou-se à guerra ou guerrilha contra a invasão estrangeira no Marrocos e na Argélia, no Cáucaso (Tchetchênia e Daguestão), estando associado também a conquistas territoriais como a dinastia Mogol na Índia (1526-1857), o Califado de Sokoto no Século XIX na atual Nigéria, e o estado Mahdista no Sudão (1881-1898).

## 1.1 A história da Al-Qaeda

A Al-Qaeda tem sua origem a partir da invasão soviética ao Afeganistão, quando, dentro do contexto global da Guerra Fria, os Estados Unidos organizaram um movimento de resistência formado por combatentes não-afegãos, em sua maioria árabes. Funcionava também como uma agência de levantamento de fundos e recrutamento para a causa afegã, canalizando combatentes islâmicos para o conflito, distribuindo dinheiro e fornecendo logística e recursos para o esforço de guerra e para os refugiados afegãos.

Nóbrega (2013) e Walter Laqueur (2002) compartilham que a Al-Qaeda foi criada em 1988 por veteranos da guerra civil antissoviética no Afeganistão. Seu embrião foi a MAK (Maktab al-Khadamat), organização formada por militantes que lutavam por formar um estado islâmico nesse país na luta contra os soviéticos. O papel principal da MAK era conseguir fundos por meio de doações de várias pessoas físicas e jurídicas, principalmente do Oriente Médio, para financiar o recrutamento e treinamento de adeptos em todo o mundo e transportá-los para a guerra afegã. O mentor principal da MAK e, posteriormente, da Al-Qaeda foi Abdullah Yusuf Azzam<sup>16</sup>, juntamente com Osama bin Laden. Nascido na Palestina (1941-1989), após se integrar à Irmandade Muçulmana jordaniana, Azzam iniciou seus estudos obtendo o título de bacharel em Estudos Islâmicos e depois realizou seu doutorado jurisprudência islâmica na Universidade Al-Azhar. Foi expulso da universidade em 1979, quando partiu para o Afeganistão (GUNARTNA, 2002), onde desempenhou um papel de liderança na promoção e desenvolvimento do conceito islâmico moderno de *jihad*.

Com o nome de Operação Ciclone, a guerra contra os soviéticos foi uma das mais longas e dispendiosas ações realizadas pela Agência Central de Inteligência (CIA), cujo

---

<sup>16</sup>Abdullah Yusuf Azzam também conhecido como Pai da Jihad Global foi um erudito e teólogo islâmico palestino e membro fundador da Al-Qaeda. Azzam pregou tanto a *jihad* defensiva quanto a ofensiva dos muçulmanos para ajudar os *mujahedin* afegãos contra os invasores soviéticos. Ele levantou fundos, recrutou e organizou o esforço voluntário internacional dos árabes afegãos durante os anos 80 e enfatizou os aspectos políticos do Islam. Azzam foi professor e mentor de Osama bin Laden e o convenceu a ir ao Afeganistão e ajudar a *jihad*. Quando a guerra chegou ao fim, ambos fundaram a Al-Qaeda. Ele também foi co-fundador do Lashkar-e-Taliban.

financiamento total chegou a 20 bilhões de dólares e envolveu não apenas o apoio financeiro aos grupos da resistência afegã, como também o repasse de armas – em 1987 entraram cerca de 65.000 toneladas em armas e munições norte-americanas no Afeganistão – e a construção e manutenção de campos de treinamento no Paquistão. No auge da operação, o presidente Ronald Reagan chegou a destacar oficiais paramilitares da Divisão de Atividades Especiais da CIA para treinar, equipar e comandar as forças de *mujahedin*<sup>17</sup> contra o Exército Vermelho. Segundo estimativas conservadoras, mais de 100 mil homens foram treinados entre 1979 e 1989, dos quais cerca de 35 mil muçulmanos estrangeiros de 43 países islâmicos (NINOMIYA, 2013).

Abdullah Yusuf Azzam foi o responsável pela internacionalização da luta islâmica contra o secularismo, o socialismo e o materialismo. Embora um estudioso, Azzam levou sua campanha às linhas de frente do Afeganistão durante a guerra afegão-soviética, organizando a agência que evoluiria para a Al-Qaeda de Osama bin Laden. Em muitos aspectos, a vida e o trabalho de 'Abdullah' Azzam já o tornaram uma das figuras mais influentes nos tempos modernos. À medida que as formas da *jihad* entraram em erupção da Argélia até as Filipinas, é importante entender o homem que muitos *mujahedin* citam como inspiração (MCGREGOR, 2006).

A filosofia adotada previa que a *jihad* deveria ser uma obrigação para todo muçulmano, seja ela moral ou como ajuda financeira. O que se objetivava era ser uma vanguarda revolucionária islâmica, ideia adotada, inclusive, por diversos clérigos muçulmanos, gerando assim um caráter obrigatório para a luta, correndo-se o risco de incorrer em um pecado capital caso dela não participasse (GUNARTNA, 2007).

Além de Azzam, uma das figuras mais importantes para a formação da Al-Qaeda foi Osama bin Laden, nascido em 1957 na cidade saudita de Riad. Filho de Mohammad bin Laden, ex-estivador do porto de Jedá que se tornou um dos maiores empresários da construção civil do país, Bin Laden se iniciou na Irmandade Muçumana ainda quando cursava o segundo grau. Nessa ocasião, passou a apresentar uma mudança radical em seu comportamento, tornando-se mais reservado e mais voltado às questões imateriais, apesar de sua condição financeira, passando a se aproximar das pessoas mais carentes. Em 1976 entrou para Universidade Rei Abdul Aziz, na Arábia Saudita, onde estudou economia (GUNARTINA, 2002).

---

<sup>17</sup> Mujahidin é a forma plural de *mujahid*, que se traduz literalmente do árabe *muğāhidīn*, como "combatente" ou alguém que se empenha na luta, embora o termo seja frequentemente traduzido como "guerreiro santo".

Ainda que o fato seja negado pelas autoridades americanas, Bin Laden, manteve contato direto com a CIA durante muito tempo, inclusive tendo estado nos EUA, em 1986. Robin Cook, Ministro dos Negócios Estrangeiros no Reino Unido de 1997-2001, escreveu sobre o assunto: “*Bin Laden foi, porém, um produto de um erro de cálculo monumental por parte das agências de segurança ocidentais. Durante a década de 80, ele foi armado pela CIA e financiada pelos sauditas para travar a jihad contra a ocupação russa do Afeganistão*” (NINOMYA, 2013).

De fato, depois da retirada soviética do Afeganistão em 1989, vários veteranos da guerra desejaram lutar novamente pelas causas islâmicas. A invasão e ocupação do Kuwait pelo Iraque em 1990 levou o governo americano a enviar suas tropas em coalisão para a Arábia Saudita, com o suposto intuito de expulsar as forças iraquianas. Bin Laden, que se opunha fortemente ao regime de Saddam Hussein, acusado de ter tornado o Iraque um Estado laico, ofereceu os serviços dos seus combatentes ao trono saudita, que recusou a oferta optando por permitir que forças americanas montassem acampamento em seu país.

Esse foi o pretexto para o rompimento de Bin Laden com os americanos, retirando-se para o Sudão, e depois para o Afeganistão (1996), de onde emitiu uma *fatwa*<sup>18</sup> (1998) protestando contra a intervenção dos EUA em países islâmicos e seu apoio a Israel, emitindo uma autorização religiosa para ações contra norte-americanos e judeus. Esta *fatwa* é amplamente considerada por especialistas em terrorismo como o documento fundador da Frente Islâmica Mundial (NINOMYA, 2006).

## 1.2 Estrutura organizacional da Al-Qaeda

Segundo Gunaratna e Oreg (2010) as organizações terroristas têm características semelhantes aos outros tipos de organizações, pois apresentam, na sua maioria, uma estrutura definida e processos de tomada de decisão coletivos e diferentes funções para cada membro da organização. Os seus líderes são reconhecidos como aqueles que ocupam posições de autoridade formais e os objetivos são coletivos.

No topo da hierarquia está o Emir ou comandante-geral, posição ocupada por Bin Laden até a sua morte. Abaixo dele encontrava-se o *Shura Majlis*, o Conselho de Comando,

---

<sup>18</sup>Pronunciamento legal no Islão emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico. Normalmente, uma *fatwa* é emitida a pedido de um indivíduo ou juiz de modo a esclarecer uma questão onde a *fiqh*, a jurisprudência islâmica, é pouco clara; e não é considerada vinculativa. Um acadêmico que seja capaz de emitir *fatwas* é conhecido por *mufti*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tua>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

composto por membros experientes e veteranos da luta contra a ocupação soviética do Afeganistão durante a Guerra Fria. Entre esses membros, encontravam-se Ayman al-Zawahiri e Abu Ayoub al-Iraqi. Mais abaixo, encontravam-se os comitês operacionais da Al-Qaeda: Comitê Militar, Comitê para a Propaganda, Comitê Político, Comitê Administrativo e Financeiro, Comitê para a Segurança e Comitê Religioso (ou Comitê para o Estudo Islâmico e *Fatwa*). Estes comitês pretendiam garantir o correto funcionamento da organização (GUNARATNA, 2002).

Quanto à sua estrutura, ela se divide em duas: a primeira diz respeito a uma linha hierárquica, bem definida verticalmente no nível de comando, controle e responsabilidade. A segunda, chamada de “rede” (*network*), consiste em diversas células ou subgrupos individuais que trabalham em conjunto, e com uma certa autonomia, para atingir um determinado objetivo, sem depender de uma estrutura organizada hierárquica (STERN, 2004).

Na rede existem líderes e figuras de maior importância dentro do grupo, mas não ocorre uma distribuição formal de cargos e papéis para todos os membros. Por outro lado, uma rede só pode funcionar com sucesso se todas as células estiverem trabalhando para um mesmo objetivo, caso contrário, ocorrerá a perda de controle do sistema.

Segundo Stern (2004), essa estrutura é um dos pontos fortes do grupo, pois permite que a Al-Qaeda funcione ao redor do mundo de maneira mais ágil, rápida e menos burocrática, alcançando assim seus objetivos. Uma rede também dificulta o controle do grupo por parte de serviços secretos e agências internacionais, já que seus militantes estão espalhados pelo mundo e prontos para agir.

### 1.2.1 Ideologias

Entende-se por ideologia uma força social à qual corresponde uma doutrina produzida num sistema complexo de causa e efeito. Embora possua inúmeros significados, no contexto desta pesquisa, pode ser pensada como uma mensagem que nasce da interpretação de eventos e documentos e que é capaz de motivar os indivíduos a agir (LARA, 2009).

Do ponto de vista ideológico, pode-se dizer que a Al-Qaeda e grupos homólogos acreditam no neo-salafismo<sup>19</sup>, ou seja, no regresso às origens. Para eles, o Alcorão (livro sagrado do Islã) deve ser analisado como era há 1.300 anos, inclusive aliando-o a uma

---

<sup>19</sup> O salafismo, segundo os não-Salafis, é uma seita puritana do Islã que se choca com a Ortodoxia Islâmica em alguns assuntos, e que tipicamente adere às opiniões mais radicais que possam ser decifradas. Disponível em: <<http://iqaraislam.com/salafismo-ao-sufismo-jornada-de-omar-james-dunlap/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

interpretação ultraradical relativa à violência, pois consideram que só através do conflito armado, conseguirão expandir o Islã por todo o mundo, libertando-o dos infiéis (SILVA, 2005). Entretanto, essa ideologia não foi formada na década de 1990, pelo contrário, já era composta por ideias existentes antes da criação da organização terrorista e que continuaram a evoluir e mudar mesmo após a consolidação da Al-Qaeda (QUIGGIN, 2009).

O neo-salafismo está firmado na premissa da indivisibilidade absoluta, que é ramificada em três vertentes sobre o Islã: como religião (*din*), como modo de vida (*dunya*) e como fórmula governativa (*dawla*). O seu grande objetivo consiste em aplicar esta premissa a uma escala global. Para um seguidor desta ideologia, o mundo encontra-se dividido entre *dar al-islam* (território islâmico, onde é aplicada a jurisprudência islâmica) e *dar al-harb* (literalmente a morada da guerra, referindo-se ao território não-islâmico). No apelo à adesão (*dawah*), está implícito que toda a comunidade islâmica tem a tarefa de expandir o *dar al-islam* pelo mundo inteiro, para que todos possam partilhar de uma ordem social e politicamente justa (DUARTE, 2015).

Além dessas vertentes, suas crenças também estão embasadas em três pilares: a primeira dessas ideias é a de que os muçulmanos estão sob ataque em todo o mundo; a segunda é a de que só a Al-Qaeda e os seus seguidores estão lutando contra os opressores do Islã; a última defende que quem não apoia a Al-Qaeda apoia os seus inimigos e opressores. Logo, é possível afirmar-se que a ideologia da Al-Qaeda é composta por três grandes ideias básicas: pela crença de que a organização luta a favor da revolta dos oprimidos; de que as suas queixas têm um importante cunho político; e que a sua visão do mundo é justificada por esses ideais (QUIGGIN, 2009).

Esta procura da fé perfeita é utilizada por muitos grupos radicais para tentar destruir outros Estados, como faz a Al-Qaeda. O grupo extremista se dirige aos muçulmanos como “irmãos” e combate todos os não crentes islâmicos, numa tentativa de convertê-los, bem como “os regimes islâmicos que aceitam a democracia, os direitos humanos, o diálogo inter-religioso, o secularismo” (NEVES, 2007, p. 133).

Como se pode perceber, o grande objetivo do islamismo é fruto de uma linha hermenêutica precisa e unilateral que procura a refundação da sociedade. Caso esta missão encontre oposição entre o *status quo*, procurará subverter o poder visando a instauração de um modelo de Estado de acordo com o modelo ideal presente no Alcorão e na tradição islâmica. O unilateralismo é bem evidente no fato de o islamismo investir, acima de tudo, no âmbito político (DUARTE, 2015).

Por fim, pode-se dizer que o islamismo preenche ainda todos os requisitos de uma ideologia secular, porém tende a sacralizar discursivamente a sua essência doutrinal, que advém do islã. Por isso, a legitimidade tende a ser mais forte e mais mobilizadora, pois sua vertente vem da dimensão ideológica e religiosa. Esta perspectiva também vai se refletir na liderança: para além de se seguir o líder “terreno”, segue-se Alá e os ditames do seu profeta Maomé (DUARTE, 2015).

### *1.2.2 Divisão das células*

Diferentemente de outras organizações terroristas, a Al-Qaeda, na realidade, mais parece uma colcha de retalhos; isso porque, na ânsia de proliferar sua ideologia para o restante do mundo e, apesar de ter uma parte da estrutura hierarquizada, ela se subdivide em células, ou seja, em diversos grupos espalhados pelo mundo. Não tem um quartel-general, mas prefere operar com células autônomas em cerca de cem países, incluindo os Estados Unidos da América.

A atuação da organização se dá através do estabelecimento de alianças com grupos militantes islâmicos de todo o mundo, o que amplia sua abrangência. Desde sua fundação até o ano de 2013, foram identificados aliados levando em consideração as seguintes categorias: extensão territorial; filiado autônomo; célula independente; aliado ocasional; veteranos da Guerra Soviético-Afegã; e sem filiação formal (BARBER, 2015).

Sobre suas ações, estas vão além dos atos de terrorismo. Estima-se que possui muitas características que podem ser comparadas às das super máfias internacionais com tentáculos em diversas partes do mundo. São financiadas pelo narcotráfico da Ásia Central (Afeganistão) e pela lavagem de dinheiro, firmando-se assim como um produto da globalização, que consegue assimilar as possibilidades operacionais proporcionadas por uma sociedade em rede (HAESBAERT, 2004).

Gunaratna (2004) cita as principais células e relata como cada uma delas vem se consolidando pelo mundo e quais países e regiões têm-se feito mais presentes. Segundo ele, a constituição das células da Al-Qaeda na Europa ocorreu através da infiltração ideológica em outras organizações terroristas já organizadas pelo continente: a FIS (Frente Islâmica de Salvação), o Takfīr Wal Hijra, o GIA (Grupo Islâmico Armado) e o GSPC (Grupo Salafista para a Predicação e o Combate), sendo que a célula mais robusta e instalada há mais tempo na Europa é a da Grã-Bretanha, considerada “o centro espiritual da Al-Qaeda no mundo ocidental”. O autor afirma que “a Grã-Bretanha é encarada pela Al-Qaeda como uma parte

integrante da sua rede no continente europeu e, em termos de planejamento operacional e execução, a organização principal no Afeganistão não estabelece distinção entre elas” (p. 213).

Em países como a França, Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Itália e Espanha, a Al-Qaeda conta com a aliança dos grupos terroristas acima citados. Os líderes dessas organizações têm contato direto com os líderes centrais da Al-Qaeda. Muitos deles receberam formação, além de discutir e definir operações em conjunto, o que permite o controle direto da rede europeia do GSPC e acesso a mais uma estrutura totalmente organizada para atacar os seus inimigos (GUNARATNA, 2004). O escritório do Conselho de Aconselhamento e Reforma da Al-Qaeda era administrado por Khalid Al-Fawwaz na Grã-Bretanha, um dos braços-direitos de Osama, o qual disponibilizava fundos, provisionava equipamento, recrutava membros e mantinha ligações através de telefone por satélite entre a liderança da Al-Qaeda e a sua célula britânica, desempenhando as funções mais instrumentais, características do segundo escalão de liderança e de um estilo de liderança transformadora.

No território norte-americano, a célula da Al-Qaeda teve origem a partir dos recursos e das infraestruturas da MAK, implementada naquele país. A sua motivação inspiradora está presente no exemplo de Umar Abd alRahman, líder desta célula, muito aclamado pelos *jihadistas* internacionais por ser “o único sábio islâmico com estatuto suficiente para assumir as responsabilidades de Abdullah Azzam” (GUNARATNA, 2004, p.194). O líder Abdullah Azzam foi assassinado em 1989, antes da passagem de Umar Abd al-Rahman a líder da célula dos EUA. Ao longo do tempo, o FBI procurou se infiltrar em várias comunidades mulçumanas no interior dos EUA para observar como a ideologia extremista tem mostrado grande capacidade de expansão na população mulçumana norte-americana com apoio das lideranças locais.

No Egito, a Al-Qaeda estabeleceu cooperação com o Grupo Islâmico Egípcio e a Jihad Islâmica Egípcia e respectivos líderes, que foram posteriormente integrados na estrutura da Al-Qaeda e, conseqüentemente, na Frente Mundial Islâmica para a Jihad Contra os Judeus e os Cruzados. Sob a liderança de Ahmad al-Hada, e com a colaboração de alguns dos seus familiares, no ano 2000 foram planejados dois ataques marcantes a navios da marinha norte-americana – o primeiro ao *destroyer* USS The Sullivans, que acabou por não se concretizar, e o segundo, ao USS Cole, que provocou a morte de 17 pessoas e nove feridos (GLOBAL SECURITY, [s.d]).

Na Argélia, a infiltração da Al-Qaeda ocorreu numa rede organizada dos grupos terroristas GIA e GSPC, por meio do fornecimento de recursos e formação dos líderes

existentes. Em 1996, a organização retirou o apoio à liderança da GIA na sequência de uma série de ataques de grande violência por parte desse grupo, que chocaram todos os islamistas e determinaram o apoio da Al-Qaeda ao GSPC, que já se encontrava bem difundido na Europa. É importante mencionar, porém, que a Al-Qaeda retirou o seu apoio apenas à liderança da GIA, pelos atos praticados, chegando a denunciar o líder em questão, Antar Zouabri e, posteriormente, a planejar a dissolução da organização com vista à ascensão do GSPC.

Com isso, a Al-Qaeda manteve a sua presença nesse país até o líder governamental, o presidente Omar al-Beshir e o líder espiritual, Hasan al-Turabi, aparentemente retiraram o seu apoio à organização, que acabou sendo expulsa para o Afeganistão, estabelecendo planos que permitissem a sua ampliação na África Subsaariana, infiltrando-se em organizações não governamentais e em entidades governamentais.

No Paquistão, a Al-Qaeda infiltrou-se em vários grupos organizados (e.g. JeM: exército de Maomé, *Hezb: Hezb-ul-Mujahidin*) que receberam formação, incentivos financeiros e apoio estratégico da organização. No Sudeste Asiático, a influência do grupo partiu das Filipinas, onde se encontra instalada uma rede logística sofisticada, apoiada inicialmente por muitos grupos islâmicos do país, como o grupo *Abu Sayyaf*. Ali, a célula da Al-Qaeda tornou-se forte, constituída por elementos que receberam treinamento diretamente nos seus campos, como foi o caso de Ramzi Ahmed Yousef, um dos líderes da célula, responsável pelos atentados ao *World Trade Center* em 1993, considerado um “terrorista modelo” (GUNARATNA, 2004, p.294).

Na China, na área do Sul de Xingjiang, que faz fronteira com o Paquistão e o Afeganistão, existe um fluxo intenso de muçulmanos chineses, que se deslocam para estes dois últimos países, à procura de formação e doutrinação que facultem o combate contra o governo chinês. Diante disso, observa-se que a interferência da liderança da Al-Qaeda nos países da Ásia Central faz-se notar pelo controle dos movimentos terroristas já existentes e pela formação de indivíduos para a sua colocação em ataques coordenados pela organização.

Recentemente foram descobertas células da Al-Qaeda no Reino Unido, Itália, França, Espanha e Uganda. O Departamento de Estado dos EUA suspeita que o grupo atue também na América do Sul, na região conhecida como Tríplice Fronteira (TF), ponto de confluência da Argentina, Brasil e Paraguai, o que tem gerado motivos de preocupação internacional, uma vez que esses países podem ser alvos de ataques terroristas a qualquer momento.

O fato de uma parcela dos imigrantes libaneses que residem na TF ser original do Vale do Bekaa – área tida como o núcleo de origem e atuação do Hezbollah – e enviar periodicamente variadas somas de dinheiro para o Líbano, levou autoridades de segurança norte-americanas a cogitar que a TF estivesse servindo como (1) fonte de financiamento para o Terrorismo Internacional e/ou (2) refúgio onde agentes de diversos grupos considerados terroristas pelos EUA – Hezbollah, Jihad Islâmica, Gamat al-Islamiya, Hamas, Al-Qaeda, entre outros – permaneciam imunes ao escrutínio de autoridades de segurança (AMARAL, 2007, p.43).

### 1.2.3 Motivação

Sabe-se que as motivações terroristas são, de certa forma, mutantes e vêm sofrendo inúmeras alterações ao longo do tempo, inclusive segundo as características da ordem internacional vigente, estando assim associadas às mais diversas causas. Entre elas encontram-se, por exemplo, o sentimento anticapitalista e antiglobalização, o desejo separatista e nacionalista e o fundamentalismo islâmico, dentre outros (NÓBREGA, 2013).

Em se tratando do fenômeno do terrorismo, de uma forma geral, pode-se dizer que uma das justificativas clássicas do terrorismo é responder às injustiças sofridas. Osama bin Laden, por exemplo, tinha o hábito de discursar enfatizando como os muçulmanos eram mortos, suas comunidades destruídas e seus lugares santos desrespeitados. A ideia de que o Islã está sob ameaça foi utilizada para mobilizar pessoas para se juntarem à *jihad*. Com esse argumento, pretendem motivar os adeptos por meio de laços emocionais estabelecidos com a comunidade, a religião e a terra natal. A intenção é demonstrar que existe uma clara ameaça aos muçulmanos e às suas comunidades e, dessa forma, convencer os indivíduos a agir contra essa ameaça unindo-se à *jihad* (ARGO, 2006).

Logo, o martírio apresenta diferentes significados para as comunidades islâmicas. Por exemplo, os *istih' hadi* - terroristas que atacam com bombas - são aqueles que dão sua vida pelos que morreram antes e por aqueles que viverão depois. Eles não fazem cálculos individuais acerca de sua própria vida ou de seus interesses particulares. A motivação é fundada no sentimento de pertencimento à sua comunidade. Outro fato importante para essa motivação, continua Argo (2006) é a mídia. Isso porque tanto a televisão quanto a internet trazem os conflitos locais para perto de jovens que moram em outros continentes. Assistir o que acontece em lugares como Gaza, Cabul ou Chechênia ao vivo, ter acesso ao que pensam líderes como Bin Laden ou al-Zawarihi, ler depoimentos de indivíduos engajados na *jihad*, tudo isso atua como doutrinação de jovens ao redor do globo. O resultado é o sentimento de humilhação, de injustiça e de pertencimento de pessoas que vivem muito longe dos locais onde se desenrolam esses conflitos. Essas pessoas se sentem moralmente obrigadas a lutar por aqueles que estão sendo atacados injustamente.

Além do que, essas pessoas geralmente já sofreram algum tipo de humilhação. Isso faz com que, ao se aliar aos extremistas, elas vejam o terrorismo como um instrumento de poder, onde esses atos seriam a única forma de um povo oprimido impor-se perante uma nação forte e desenvolvida, a única maneira de fazer com que o restante do mundo preste atenção em suas exigências e ideologias. Em outras palavras, quando um povo percebe que seus objetivos não serão alcançados de maneira convencional, através de negociações, por exemplo, grupos podem tentar transmitir uma mensagem política ou religiosa para o resto do país ou para o mundo através de atos de terroristas (SARFATI; TOUTIN, 2007).

Esses sentimentos estão presentes em grupos terroristas que claramente defrontam-se com a percepção negativa de seu passado. Certos povos enfrentam por muitos anos a dominação e opressão por parte de autoridades ou outros povos. A maneira escolhida por certos membros das comunidades perseguidas é utilizar-se de extremistas para demonstrar sua força e vontade de vingança, ao determinar inimigos como alvos. Percebe-se como uma atitude de defesa surge para enfrentar uma situação de dominação, quando um povo busca sem trégua demonstrar sua força e destruir a dominação, como forma de não permitir a repetição do que ocorreu no passado (SARFATI, 2005).

Essa sensação resulta, na maioria dos casos, no desenvolvimento de um sentimento negativo tal como a raiva, desespero ou indignação, onde a morte passa a ser muitas vezes vista com indiferença. Portanto, lutar por uma causa e morrer por ela não é um absurdo. Como consequência, tanto os líderes como outros terroristas, ao ver uma pessoa nesse estado deprimente da alma oferece exatamente o que a pessoa humilhada precisa, como reconhecimento, incentivo etc. (SARFADI; TOUTIN, 2007).

O que também pode ser considerado como fator motivador para aderir a essas práticas é o sentimento de rejeição que uma pessoa pode nutrir dentro de uma comunidade. Indivíduos que se sentem rejeitados pela sociedade acabam se tornando alvos de líderes terroristas que, por sua vez, ao notarem essa fraqueza de espírito, buscam dar atenção, não só incluindo-os no grupo, mas dando-lhes a oportunidade de se sentirem importantes e conseqüentemente comprometidos com a causa (STERN, 2004).

Com isso, percebe-se que essa autoimagem negativa pode acarretar conseqüências desastrosas, geralmente ligadas ao sentimento de inferioridade por não ter seu espaço reconhecido, bem como o sentimento de humilhação, dominação, opressão, entre outros. Atos terroristas, na maioria das vezes, surgem da tentativa de compensação desses sentimentos por parte de grupos que refletem os anseios de um determinado povo. Quanto mais negativo

forem esses sentimentos, mais agressivo e desafiador será o comportamento desses grupos (KAPLOWITZ, 2009).

#### *1.2.4 A tecnologia da base*

Apesar do discurso antiocidental, os dirigentes dos grupos radicais decidiram absorver e desenvolver todas as oportunidades que a internet oferece para otimizar a propagação de suas ideias, que constituem a verdadeira base de sua rede terrorista. Nesta luta, o mundo virtual transformou-se em uma arma que os grupos não parecem dispostos a dispensar, e o *chat* com o “número dois” da Al-Qaeda é apenas uma dentre as inúmeras iniciativas desta organização (FUENTELESAZ, 2008). Nos anos 2000, foi disponibilizado o primeiro site do grupo e, na sequência, vários dos seus simpatizantes e franqueados lançaram suas próprias páginas na rede, onde relatavam suas operações, discutiram religião e ensinavam técnicas básicas de guerrilha (ATWAN, 2008).

Essa opção em difundir as ideias terroristas através das redes sociais tem se dado devido a Al-Qaeda considerar a internet como sendo o único lugar onde esse movimento está florescendo e é altamente competitivo. O modo de funcionamento é bastante fácil: os terroristas abrem contas gratuitas em provedores como Hotmail, Yahoo e outros, onde escrevem uma mensagem, mas não a enviam, arquivando-a somente na pasta de rascunho, aproveitando-se do baixo custo e da alta velocidade (DIAS, 2011).

A exemplo dessa apropriação da tecnologia pelos extremistas é que a Al-Qaeda tem utilizado a internet em uma sala de aula virtual para seus simpatizantes no mundo todo, depois de soldados norte-americanos terem expulsado os seguidores de Osama bin Laden das bases de treinamento montadas no Afeganistão. A afirmação foi feita por especialistas da área. Inclusive, forneceram informações sobre como usar um telefone celular para realizar um atentado à bomba – método este utilizado, em Madri, em 11 de março de 2004, no qual foram mortas 191 pessoas (CLICRBS, 2004).

Em outro momento, foi divulgado um vídeo contendo cenas de reféns vestidos de macacão laranja sendo assassinados brutalmente (BBC BRASIL, 2004). Quando os vídeos de decapitações foram postos em rede, a campanha para divulgação do terror de Al Zarqawi tornou-se um sucesso com cerca de 50 mil visualizações por hora. Essa tática dá teatralidade ao assassinato, pois os vídeos publicados na Internet captam todas as imagens, sons de suas ações e o medo das vítimas, o que aumenta o impacto psicológico no Ocidente e faz crescer a popularidade daqueles que simpatizam com tais atos (SÁ, 2015).

A Al-Qaeda se utiliza de outros recursos editoriais para divulgação e doutrinação. A revista Inspire Magazine, produzida pelos membros da organização, é editada em língua inglesa com média de 40 páginas, o que não tira a chance de abordar todos os aspectos necessários para a *jihad*. Seu público alvo são os “mulçumanos, porém ocidentais”, filhos de árabes imigrados nascidos em países do Ocidente. Esses jovens são apresentados na publicação como mulçumanos inexperientes, que vivem uma crise de identidade próxima a uma “crise de meia idade e que necessitam aprender sobre sua cultura, uma vez que ao viverem fora de sua região ancestral, precisaram abdicar de parte de sua tradição religiosa, ou tornar-se um ‘moderado’ para se adequar à nova nação” (SÁ, 2015, p. 5). Seus textos geralmente estão escritos na forma de tópicos e ilustrações com o passo-a-passo do que é descrito no texto. As fotografias utilizadas mostram a prática para a fabricação de bombas, modos para o manuseio de armas específicas, a escolha de local apropriado para o atentado e como driblar a segurança de cada país, tornando a mensagem do material extremamente simples e didática.

Além da revista, eles prepararam “um manual de recursos para quem detesta tiranos; [que] inclui técnicas para fabricação de bombas, medidas de segurança, táticas de guerrilha, treinamentos com armas, e todas as outras atividades relacionadas à *jihad*” (SÁ, 2015, p.6). Quanto à matéria prima que será utilizada, menciona-se que esses materiais solicitados para montar os explosivos são extremamente simples e fáceis de serem encontrados em armazéns e lojas de materiais de construção como pregos, baterias, sodas e lâminas de aço.

O objetivo desses grupos é ganhar proeminência na esfera pública de determinados Estados, ao mesmo tempo em que desejam ter seus problemas reconhecidos por uma audiência global. Se no passado os grupos tinham dificuldades para difundir suas mensagens pelos meios tradicionais de comunicação, atualmente a tarefa tem sido mais fácil, uma vez que a internet oferece uma infinidade de ferramentas e possibilidades (SETTE CÂMARA, 2017).

Segundo a UNODOC<sup>20</sup> (2012), para atingir suas metas, os textos utilizam dois suportes: propaganda e recrutamento. O primeiro pode ser considerado como uma ferramenta de manipulação psicológica, pois revela a força dos ataques militares e demonstra o poder

---

<sup>20</sup> O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) implementa medidas que refletem as três convenções internacionais de controle de drogas e as convenções contra o crime organizado transnacional e contra a corrupção. O trabalho do UNODC está baseado em três grandes áreas: saúde, justiça e segurança pública. Dessa base tripla, desdobram-se temas como drogas, crime organizado, tráfico de seres humanos, corrupção, lavagem de dinheiro e terrorismo, além de desenvolvimento alternativo e de prevenção ao HIV entre usuários de drogas e pessoas em privação de liberdade.

armado do grupo; e o segundo ocorre em diferentes plataformas, tanto de conteúdo privado como de conteúdo público, um verdadeiro passo a passo detalhado com a intenção de espalhar sua ideologia, dos quais são:

**1º Captação de recursos:** por via de solicitação direta, ou seja, através da utilização de sites, fóruns de discussão, salas de bate-papo, envio de e-mails em massa, dentre outros meios, para solicitar doações para financiar as atividades terroristas;

**2º Comércio virtual:** muitas organizações terroristas criam lojas on-line onde oferecem livros, gravações de áudio e vídeo e outros tipos de materiais, que geralmente são direcionados a apoiadores e simpatizantes dos grupos;

**3ª Fraudes e crimes cibernéticos:** pagamento online como, por exemplo, pelos sistemas Paypal, WebMoney e Google Checkout, onde grupos terroristas têm conseguido captar grandes somas de recursos para financiar suas atividades.

**4º Instituições de caridades:** alguns grupos terroristas têm criado falsas organizações de caridade para solicitar doações online, pedindo recursos que supostamente seriam utilizados para apoiar projetos humanitários, mas que, na verdade, têm o objetivo de financiar atividades terroristas.

Outras ferramentas virtuais têm servido de meios para que grupos extremistas atinjam principalmente os jovens – alvos em potencial e com um maior grau de vulnerabilidade para atender a seus propósitos, a saber:

**YouTube, Flickr, Tumblr:** Apesar de não serem particularmente interativas, essas plataformas possuem conteúdo aberto e pesquisável e possuem grande popularidade entre os jovens. Desta maneira, os grupos terroristas utilizam estes sites para a divulgação e compartilhamento de material multimídia mais genéricos.

**Twitter, Instagram, Facebook:** Apesar de exigir algum grau de número de seguidores nas contas para que as publicações atinjam um público maior, essas plataformas são utilizadas para divulgar propaganda de grupos terroristas, principalmente com conteúdo multimídia mais personalizado. Oferecem também espaço para comentários e permitem a troca de mensagens privadas entre os usuários.

**Ask.Fm:** A plataforma oferece um espaço para que usuários façam perguntas uns aos outros, permitindo uma comunicação anônima. Ela é utilizada para diversas funções, desde conselhos sobre cuidados pessoais e questões de higiene, até para a construção de listas de materiais a serem enviados para campos de batalha na Síria.

**KIK, Surespot, WhatsApp, Viber, Skype:** As plataformas são restringidas a usuários que tenham uns aos outros em suas respectivas listas de contato. Elas são utilizadas

principalmente para comunicação direta e em tempo real. O conteúdo da comunicação é diverso, desde questões de recrutamento e mobilização até problemas de migração (UNODOC, 2012).

Dessa forma, percebe-se que essa organização terrorista tem demonstrado nos últimos tempos, uma impressionante capacidade de adaptação à internet para divulgar com maior rapidez e efetividade sua ideologia, comunicados ou vídeos de atentados (FUENTELESAZ, 2008). A rede mundial de computadores tem se tornado um importante espaço na geração de uma rede de informações, de financiamento, de logística e uma espécie de caixa de pensões e salários para militantes e suas famílias, em especial para aqueles que se tornam mártires da *Alah*. Toda parte da inteligência, isto é, de planejamento e execução das ações, é feita por grupos estabelecidos no local ou assim encarregados, sem que os demais ramos da organização tenham qualquer conhecimento dos planos; apenas se comunicam através de caixas postais e e-mails, caso necessitem de algum apoio dos grupos dispersos (SÁ, 2015).

Esses fatos permitem que se conclua que o ciberterrorismo, ao contrário das guerras convencionais que envolvem homens fortemente armados, uma grande estrutura de defesa e segurança, designadamente instalações militares, logísticas, meios de transportes, material bélico etc., é uma guerra moderna sem rosto, sem identidade, sem fronteiras físicas do Estado (DIAS, 2011) – uma guerra não convencional, irregular, e de conflitos assimétricos em geral.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Conceito onde os oponentes não são os Estados nacionais, mas, sim, grupos que combatem e morrem por uma ideologia.

## 2 O DAESH

### 2.1 O que é o Estado Islâmico

O Estado Islâmico (EI) é conhecido mundialmente como uma organização terrorista formada por *jihadistas* muçulmanos ultraconservadores, famosos por defenderem fundamentos radicais do islamismo. “[...] mas não é apenas uma organização terrorista. É igualmente uma máfia, adepta a explorar os ‘mercados sombra’ transnacionais do petróleo e tráfico de armas que existem há décadas” (WEISS; HASSAN, 2015, p. 18). Os autores explicam que o grupo terrorista está longe de ser amador. Seus integrantes formam “um exército convencional, que mobiliza e dispõe soldados de infantaria com um profissionalismo que tem impressionado os membros do exército americano”. Weiss e Hassan (2015, *idem*), revelam que o EI é “um aparelho sofisticado de recolha de informações, que se infiltra em organizações rivais e recruta, em silêncio, nas suas fileiras, antes de assumir a sua liderança, derrotá-las no terreno ou confiscar as suas terras”.

O EI declarou, em 29 de junho de 2014, um califado – uma espécie de governo, que é comandado por um representante religioso e político que mantém como base as leis do Estado Islâmico, a *Sharia*, baseada no Alcorão –, em um território que inclui parte da Síria e o Iraque (TOMÉ, 2015a). Eles seguem literalmente todos os ensinamentos descritos no Alcorão, que é o livro sagrado da fé islâmica e que foi supostamente escrito pelo profeta Maomé. O EI também é conhecido por ISIS (*Islamic State of Iraq and ash-Sham*<sup>22</sup>) ou Daesh (transliteração do acrônimo árabe de *Dawlah al-Islamiyah fil Iraq wa ash-Sham*).

Ao proclamar-se “Califado”, o EI reivindica que todos os muçulmanos – indivíduos, Estados e organizações – lhe devem prestar obediência e fidelidade (*bay’ah*). Tal pretensão é evidentemente repudiada pela totalidade dos países islâmicos, inúmeras autoridades religiosas islâmicas e também, embora por razões distintas, por diversas organizações *jihadistas*, incluindo a AQ e seus filiados. Para o EI, contudo, tal reivindicação é não só inerente à condição de “Califado universal” como uma importante manobra propagandística (TOMÉ, 2015a, p. 10).

Os membros do EI são da seita sunita<sup>23</sup>, tendo como principais inimigos, os xiitas, outra seita do islamismo. Os alvos a serem combatidos são aqueles de qualquer outra religião ou seitas e até mesmo tudo o que representa o estilo ocidental, como os EUA e a Europa. O EI

<sup>22</sup> Estado Islâmico do Iraque e Levante (tradução nossa). No decorrer da pesquisa, além do ISIS, são utilizados também os outros acrônimos do grupo terrorista: Daesh e EI.

<sup>23</sup> As diferenças entre os sunitas e xiitas serão abordadas mais à frente.

“apresenta-se à perseguida minoria sunita no Iraque, e à maioria sunita ainda mais perseguida e vitimizada da Síria, como a última linha de defesa da seita contra uma série de inimigos – os ‘inféis’ Estados Unidos, os ‘apóstatas’ estados árabes do Golfo”, entre outros, como o governo da Síria, Irã e Iraque (WEISS; HASSAN, 2015, p. 18-19). Usam o discurso do purismo religioso para justificar seus atos.

Tal como a Al-Qaeda (AQ), o ISIS/DAESH/IS baseia-se na ideologia Salafista-jihadista (*al-salafiyya al-jihadiyya*), ramo puritano do Islão Sunita Wahabita que pretende o regresso da Comunidade Islâmica (Umma) às práticas ancestrais “puras”, fazendo uma separação nítida entre os “verdadeiros crentes” e os “descrentes” considerados “apóstatas” ou “infieis” (TOMÉ, 2015b, p. 129).

O Daesh (EI) tomou força como um “braço” da Al-Qaeda no Iraque após esta organização ter se enfraquecido devido aos ataques realizados pelos Estados Unidos para tentar inibir atos violentos desse grupo e derrubar o então líder Saddam Hussein. “Ganhou proeminência tirando partido, sobretudo, dos ressentimentos sectários no Iraque e do caótico conflito na Síria” (TOMÉ, 2015, p. 10).

Já em 2011, a Al-Qaeda, apoiada por grupos do Ocidente, recebeu reforço financeiro para lutar com os rebeldes na Síria. Conquistou espaço quando uma boa parte das tropas norte-americanas foi retirada do Iraque, iniciando assim o ISIS, em 2013, e tornando-se “um dos acontecimentos mais relevantes e perturbadores dos últimos anos para a segurança internacional”, segundo Tomé (2015, p.10).

### 2.1.1 A Jihad

A raiz linguística do conceito da *jihad* vem de *jihd* (esforço) ou do verno *jihad* (esforço constante) constituindo significado mais simbólico do que linguístico para a fé islâmica. Luta, esforço ou empenho são os deveres religiosos para desenvolver o espírito da submissão a Alá, disseminando a fé muçulmana e indicando a luta pelo desenvolvimento espiritual (GOMES, 2013).

*Jihad*, diferente do que é dito e feito por grupos extremistas que usam de violência para expor seus ideais, não significa uma guerra santa, e sim uma luta interna com o objetivo de melhorar o próprio indivíduo ou o mundo à sua volta. O conceito de *jihad* se divide em dois: a luta individual, interna, sob as leis do islamismo e a luta em por uma humanidade melhor, influenciando o maior número de pessoas por meio do islamismo.

A Jihad é vista como uma luta, resultante de uma vontade pessoal, em busca da fé perfeita e esse caminho pode ser feito pela luta do homem consigo mesmo através da ascese e de exercícios de piedade, a Jihad Maior, ou pelo esforço no sentido de converter os outros ao Islamismo e de mobilizar uma luta política e social, a Jihad Menor (GOMES, 2013, p.24).

O controle dos impulsos interiores e perdão dos pecados em nome de Alá é a *jihad* de maior importância para os muçulmanos. Já a *jihad* externa é a que instrui os muçulmanos a difundir a paz e a justiça da religião islâmica, para áreas que não tenham a influência do profeta Maomé.

A organização palestina nacionalista *Jihad-islâmica*, é um grupo de extremistas fundamentalistas que surgiu em meados da década de 1970, na Faixa de Gaza (Oriente Médio). Seu líder espiritual é Abd al-Aziz e o líder principal é Ramadan Shallah, um palestino educado no Reino Unido. Foi criada por estudantes egípcios que achavam a Irmandade Muçulmana moderada demais e não comprometida com a causa palestina, com o objetivo de destruir Israel e criar um estado islâmico na região que tivesse os palestinos no controle. O grupo extremista é a mais independente das facções muçulmanas e conta com o apoio restrito da população (GOMES, 2013, p. 102).

### 2.1.2 *Sunitas versus Xiitas*

Quando o profeta Maomé morreu, no ano de 632, sem deixar descendentes masculinos e sem um sucessor claramente designado, provocou uma crise entre os muçulmanos. O sucessor do profeta seria um governante, um Khalifah (califa). Porém a questão de quem eram os verdadeiros sucessores de Maomé virou motivo de divisões nas fileiras do islamismo. Os sunitas aceitam o princípio de cargo eletivo e os três primeiros califas, Abu-Bakr, sogro de Maomé; Omar, que era conselheiro do profeta; e Otmã, genro de Maomé, foram considerados como sucessores legítimos do profeta. Essa afirmação, porém, foi contestada pelos muçulmanos xiitas, que dizem que a verdadeira liderança vem da linhagem sanguínea do profeta através de seu primo e genro Ali Ibn Abi Talib, que seria o primeiro *imame* (*imã*), ou seja, líder e sucessor que se casou com a filha predileta de Maomé (GOMES, 2013).

Os sunitas são os ortodoxos e tradicionalistas do Islã. A palavra sunita vem de *Ahl al-Sunna*, ou pessoas da tradição, referindo-se às práticas baseadas nas ações segundo o profeta Maomé e seus sucessores. Eles consideram todos os profetas mencionados no Alcorão, mas veem Maomé como o profeta derradeiro. Suas tradições focam em um sistema codificado nas leis islâmicas (GUEDES, 2016, p.82).

Os xiitas são os protestantes do islã. Eles reivindicam a chefia do Estado muçulmano, onde defendem a ocupação do cargo por alguém que seja descendente do profeta Maomé ou que tenha com ele vínculo sanguíneo. Alegam que o *imã*, chefe da comunidade, deve ser alguém inspirado por Alá, portando um ser perfeito, infalível. Para eles, somente o Alcorão é a fonte sagrada de ensinamentos religiosos.

Vistos como uma facção política no início – literalmente os *Shiat Ali*, ou Partido de Ali, quando esse foi morto na guerra civil que marcou seu califado –, seus filhos, Hassan e Hussein, não tiveram direito à sucessão. Supõe-se que Hassan possa ter sido envenenado por Muawiyah, o primeiro califa da dinastia Umayyad.

Já Hussein foi morto durante uma emboscada, quando foi convidado a ir à cidade de Cufa, localizada no Iraque, a cerca de 170 km ao sul de Bagdá, onde prometeram alianças a ele. Assim surgiu o conceito de martírio e de rituais como a autoflagelação, que os xiitas prezam até os dias de hoje. Os xiitas mantêm um clérigo hierárquico que faz interpretações independentes atualizando constantemente os textos islâmicos. Acredita-se que um décimo dos muçulmanos são xiitas, que mantêm sua maioria nos territórios do Irã, Iraque, Bahrein, Azerbaijão e, segundo algumas estimativas, Iêmen. Existem também grandes comunidades xiitas em Afeganistão, Índia, Kuwait, Líbano, Paquistão, Catar, Síria, Turquia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (HARTERT-MOJDEHI, [s.d.]).

### 2.1.3 A Guerra Santa

É chamada “guerra santa” toda aquela promovida com a finalidade de expansão do islamismo. “É uma obrigação de fé” (LEWIS, 2003, p. 52). Aos muçulmanos que morrem nesse tipo de guerra é feita a promessa de entrada garantida no céu. Costuma ser utilizada como um recurso extremista por algumas religiões monoteístas, buscando proteger sua história e seus dogmas. Esse recurso é muito utilizado como estratégia geopolítica de expansão das civilizações. O cristianismo e o islamismo travaram diversas guerras santas conhecidas na história.

Esse tipo de pensamento se tornou mais verossímil após as imagens de vídeos produzidos pelos próprios militantes, com requintes técnicos, estéticos e de extrema crueldade onde decapitam reféns. Essas narrativas feitas à exaustão, deram ao Estado islâmico a fama de combatentes furiosos que não poupam nem mulheres ou crianças. Com essas práticas terroristas, a imagem que se construiu no Ocidente, na década de 1990, intensificou-se, levando à compreensão de que esses *jihadistas* são capazes de atrocidades inimagináveis.

Nós não fazemos distinção entre civis e não civis, inocentes e não inocentes. Apenas entre muçulmanos e infiéis. E a vida de um descrente não tem qualquer valor. Não tem santidade... Assumimos que o objetivo é matar o maior número de pessoas, para provocar o terror... O texto divino é claro quanto à necessidade de provocar “o máximo dano possível”. O operacional tem, portanto, de certificar-se de que mata o maior número de pessoas que pode matar. Se não o fizer, espera-o o fogo do inferno (...) Os Seculares dizem que o “Islão é a religião do Amor”. É verdade. Mas o Islão também é a religião da Guerra. Da paz, mas também do terrorismo. Maomé disse: “Eu sou o profeta da misericórdia”. Mas também disse: “Eu sou o profeta do massacre”. A palavra terrorismo não é nova entre os muçulmanos. Maomé disse mais: “Eu sou o profeta que ri quando mata o seu inimigo”. Não é, portanto, apenas uma questão de matar. É rir quando se está a matar (MOHAMMED, 2004, p 28-31, apud TOMÉ, 2015, p. 129).

A Guerra do Golfo<sup>24</sup> deixou um terreno fértil na transformação social do Iraque. “A miséria, a corrupção política e os danos ambientais intensificados na investida contra o Kuwait, com poços de petróleo queimando durante meses, contribuíram para uma gradual radicalização do Islã no Iraque” (KNIPP, 2015). Após a ocupação do país pelos EUA, em 2003, o extremismo religioso ganhou força. Muitos consideraram a ação politicamente injusta, mergulhando o Iraque definitivamente no caos.

O Iraque, um ano após a invasão pelas forças da coalizão, se acha imerso em um estado de violência endêmica provocada pelo terrorismo que está muito presente nas cidades, com um rosário de mortos quase que diariamente. Ainda que as forças ocupantes se esforcem no sentido de organizar um governo provisório e aprovelem uma Constituição, está muito longe de atingir as condições mínimas para implantar um regime democrático em que se respeitem os direitos humanos fundamentais (CAMBESES JÚNIOR, 2004).

#### 2.1.4 Os objetivos do Daesh

Em 2016, o *Daesh* (EI) estava presente em cerca de 25 por cento da Síria (45 mil quilômetros quadrados) e em aproximadamente 40 por cento do Iraque (170 mil quilômetros quadrados), perfazendo um total de 215 mil quilômetros quadrados, o que equivale aproximadamente ao território do Reino Unido (237 mil quilômetros quadrados). Porém, apenas uma pequena parcela desses territórios é controlada pelo grupo (RAMOS, [s.d]).

O objetivo principal é estabelecer um califado – um governo regido pela lei do Islã, a *Sharia*, para poder governar sobre todos os muçulmanos, implantando um estado islâmico

<sup>24</sup> Conflito militar travado entre o Iraque e as forças de Coalizão internacional lideradas pelos EUA, ocorrido de 2 de agosto de 1990 até 28 de fevereiro de 1991, na zona do Golfo Pérsico, Oriente Médio.

sunita no regime radical. Obter o controle dos territórios na Síria e no Iraque é o primeiro passo, mas já planejavam estratégias de avançar para países como Arábia Saudita e Jordânia.

Eles consideram seus inimigos os estados seculares como a Síria e quem os apoia; e o Iraque, que é xiita. Os EUA se tornaram um alvo do grupo pois infringiram combate o EI com ataques aéreos desde o começo de agosto de 2014.

O Estado Islâmico já conquistou 190 mil quilômetros quadrados e transmitiu pela internet diversas decapitações de “infiéis” e destruição de patrimônios da humanidade desde 2013 (GERMANO, 2016).

Em 2015, a cidade de Paris (França) foi palco de um sangrento ‘*reality show*’ comandado pelo grupo extremista. Vários atiradores e homens-bombas se posicionaram em diversos pontos estratégicos da capital francesa onde a organização dirigiu ações coordenadas deixando mais de 120 mortos e em torno de 350 feridos, de mais de 17 nacionalidades diferentes. Esse foi o segundo atentado à França em 2015, já que em janeiro, 12 pessoas foram executadas na redação do jornal Charlie Hebdo, após uma charge publicada em tom satírico sobre o profeta Maomé. Alguns dias antes do ataque a Paris, o Estado Islâmico chegou a derrubar um avião russo no Egito com a explosão de dois homens-bomba, enquanto sobrevoavam Beirute, capital do Líbano (OBSERVADOR, 2015).

Esses não são casos isolados, na verdade são partes da execução dos planos do grupo, que mesmo ainda não sendo reconhecido como um Estado pelas demais nações, funciona como um. Com seus territórios bem controlados, exército bem armado, comércio baseado principalmente no contrabando de petróleo e na cobrança de impostos, de onde tiram o seu financiamento, o Daesh se estabiliza como poder paralelo e usa esses ataques como o início de uma ofensiva sistemática para provocar seus inimigos para o combate.

A briga com o Ocidente tem origem em um passado bem distante e diz respeito às Cruzadas medievais, que aterrorizaram o território islâmico. Mesmo diante da pacífica convivência posterior entre cristãos e muçulmanos, os conflitos políticos foram acirrados por alguns árabes que se incomodavam com as influências americana e europeia em suas questões nacionais – como a delimitação das fronteiras impostas no final da primeira guerra mundial pelo Reino Unido e pela França. Somam-se esse cenário, as frequentes tentativas de invasões ocidentais visando o território rico em petróleo, pedras preciosas e gás natural.

Para impedir que os países Ocidentais mantivessem grande poder no Oriente Médio, o Daesh tinha como um de seus maiores objetivos dominar a região. Entre 1980 e 2000, época em que Saddam Hussein governava o Iraque, este país foi muito importante no mundo árabe, contando com as vantagens de ser um Estado laico e por possuir grandes riquezas. Durante a

invasão dos EUA em 2003, com a alegação de uma suposta existência de armas de destruição em massa, o exército foi dividido e grande parte desses soldados se alistaram em diferentes grupos armados, em sua maioria no EI. Por conta disso, os EUA eram um dos alvos do grupo.

Em relação à França, o motivo é a forma preconceituosa com que, segundo a organização, os milhares de muçulmanos que lá residem são tratados; e também os bombardeios franceses aos postos do Daesh no Iraque, iniciados em 2014. Talvez o motivo mais simbólico, mas não menos importante, seria afrontar a democracia moderna com ataques ao berço do Iluminismo<sup>25</sup>.

Apesar de não ser reconhecido como um país pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Estado Islâmico já era, de fato, um Estado, devido à sua estrutura de autonomia em um espaço e leis próprias – a *Sharia* que funciona como uma constituição. Segundo as leis sob domínio do EI, crucificar os infiéis como punição, escravizar as mulheres dos inimigos e cortar as mãos de ladrões pegos em flagrante, constituem penalidades previstas. Além disso, as autoridades do EI cobram impostos abusivos de estrangeiros para poder viver no regimento e os obrigam a se declararem inferiores aos muçulmanos.

Abu Bakr al Baghdadi se autoproclamou califa desse Estado em 2014 (TOMÉ, 2015) e acredita ser o sucessor de Maomé. Como o Daesh não reconhece nenhum tipo de autoridade além de seus próprios conceitos, não se limita a invadir nenhum território a que tenha interesse.

No livro *Empire of Fear: Inside the Islamic State* (Império do Medo: por dentro do Estado Islâmico, tradução nossa), o jornalista Andrew Hosken (2015) mapeia os territórios em que o EI pretende tomar até 2020, onde vê-se claramente a tomada de todo o Oriente Médio, Portugal e França, na Europa, e o Norte africano.

Com cerca de 8 milhões de pessoas sob seu domínio, o Estado Islâmico quer que todas as populações muçulmanas migrem para o califado, decretando que, os que não concordam com sua visão de governo, como os xiitas, sejam mortos. O EI acredita que está iniciando o “fim dos tempos”, o “juízo final” onde uma guerra contra os infiéis está próxima, de acordo com a profecia do Hadiz –, um dos textos sagrados que, segundo sua interpretação, afirma que esse fato escatológico acontecerá na Síria, na cidade de Dabiq, base da organização (GORKA, 2018). Em mensagem de voz divulgada pelo grupo, em novembro de 2014, o seu líder Baghdadi pede a seus seguidores que “coloquem o vulcão da *jihad* em todos

---

<sup>25</sup> Termo da corrente filosófica que se desenvolveu sobretudo na França, no Século XVIII e que deu origem à Revolução Francesa, em 1789. Seus princípios basilares são a igualdade de todos os indivíduos, direito à propriedade e à liberdade: o habitante converte-se em um cidadão com direitos e deveres. Seus expoentes são Montesquieu, Voltaire, Diderot e Rousseau (ROCHA, 2011).

os lugares” deixando claro a intenção do grupo em atrair o inimigo ao seu território ávidos para iniciar a profecia (ANSA, 2014).

Na atualidade, o mundo islâmico está envolvido em vigorosas polêmicas e controvérsias, fruto, sobretudo, da crescente e excessiva politização sofrida desde o início do Século XX e com a conseqüente violência e extremismo que isso engendra. Não obstante, a religião parece seguir imune a esses radicalismos, por se tratar, segundo os fiéis, fundamentalmente de algo que prega a paz e serenidade, e que defende o direito à *jihad* somente quando a fé está sob ameaça.

### 2.1.5 O líder – Abu Bakr al-Baghdadi

Nascido em julho de 1971, nos arredores de Samarra (Iraque), Abu Bakr Al-Baghdadi, cresceu em Tobchi, bairro de periferia de Bagdá, habitado por sunitas e xiitas, onde passou a juventude estudando o Islã. “Tornou-se um acadêmico de estudos islâmicos, obtendo tanto um bacharelado quanto um doutorado no assunto na Universidade de Ciências Islâmicas no subúrbio de Adhmiya” (WEISS; HASSAN, 2015, p. 147). Sua ascensão de estudante do Alcorão e líder religioso e chefe do principal grupo terrorista do planeta é recheada de mistérios e informações conflitantes. “Seus amigos e conhecidos dizem que ele era do tipo calado e retirado, e que de maneira alguma lembrava o fanático religioso da imaginação recente”<sup>26</sup>. Segundo os autores, alguns amigos próximos alegaram que ele já era membro da Irmandade Muçulmana ou afiliado dela quando entrou para a faculdade. Tornou-se próximo de Mohammed Hardan, um dos líderes da Irmandade, juntando-se ao grupo de maneira “organizacional e ideológica”. Também fez parte do grupo Jaysh al-Mujahedeen (Exército do Mujahidin), um grupo militante islâmico.

Em 2000, al-Baghdadi já tinha um doutorado, uma esposa e um filho. Até 2003, quando os EUA ocuparam o Iraque, ele não demonstrava nenhum ressentimento discernível contra as forças norte-americanas. No final deste ano, ele fundou sua própria facção islâmica: Jaysh Ahl al-Sunnah wa al-Jamaah (O Exército do Povo da Comunidade Sunita). Em 31 de janeiro de 2004, foi preso acidentalmente pelas forças norte-americanas, por estar no mesmo local que o alvo verdadeiro. Foi levado para o Campo de Bucca e solto em 6 de dezembro do mesmo ano.

---

<sup>26</sup> Ibidem.

Abu Ahmed, o ex-alto membro do Exército Islâmico e que conheceu al-Baghdadi em Bucca, disse ao [jornal] Guardian que os administradores da prisão em um primeiro momento acreditaram que al-Baghdadi seria uma espécie de solucionador de problemas. Seu PhD em estudos islâmicos conferia sabedoria jurisprudencial a respeito dele que os detentos jihadistas discutindo entre si pareciam ter deferência. Como tal, os norte-americanos o deixaram se deslocar em meio aos diferentes blocos do campo de Bucca, ostensivamente para solucionar conflitos; em vez disso, al-Baghdadi usou sua indulgência para alistar mais recrutas. Em tempo, de acordo com Abu Ahmed, ele começou a causar problemas na prisão, usando “uma política de conquistar e dividir para conseguir o que ele queria, que era status. E funcionou (WEISS; HASSAN, 2015, p. 148).

A Comunidade de Inteligência americana acredita que Al-Baghdadi fazia parte do clero de uma mesquita na capital do Iraque antes de ser preso em Abu Ghraib, após a invasão americana, embora haja informações de que ele já atuasse como *jihadista* no governo de Saddam. A sua persistência em uma guerra fraticida, ou *fitna*, se tornaria uma marca registrada de sua liderança na expansão do Estado Islâmico na Síria e no Iraque.

Al-Baghdadi foi líder da Al-Qaeda no Iraque, em 2010, onde propôs a Ayman al-Zawahiri, líder central, uma fusão dos grupos com a Frente al-Nusra, um braço do grupo na Síria. Esta proposta ousada dividiu o grupo, fazendo com que al-Baghdadi, renomeasse o seu grupo de Estado Islâmico no Iraque, onde proclamou um califado em 2014 e expandiu o movimento para a Síria. Estava fundada a organização terrorista mais extremista, rica e violenta do mundo.

Em 2015, surgiram rumores de que al-Baghdadi teria sido gravemente ferido, ou morto, após os ataques liderados pelos EUA, mas foram rapidamente desmentidos pelo grupo terrorista EI e pela imprensa. Em mensagem de áudio divulgada em sequência, ele pedia a todos os muçulmanos que pegassem em armas e lutassem pela manutenção do califado nos territórios conquistados na Síria e no Iraque. Al-Baghdadi também condenou os ataques aéreos realizados desde 26 de março pela Arábia Saudita contra os rebeldes xiitas *houthis* no Iêmen (VEJA, 2015).

Em uma entrevista ao jornal sueco *Expressen* em março de 2016, Saja al-Dulaimi, sua mulher por apenas três meses, descreveu-o como um pai de família normal, professor universitário e admirado pelas crianças (HAMADE, 2016).

Apesar do amplo aparato de propaganda do EI, que divulga uma grande quantidade de fotos e vídeos de suas ofensivas e atrocidades, al-Baghdadi pouco foi visto nos últimos anos. O líder do Estado Islâmico apareceu apenas em um vídeo, gravado na mesquita de al-Nuri em Mossul, destruída pelo grupo *jihadista* antes de sua derrota no local, e divulgado em julho de 2014 (WALSH, 2014).

### 2.1.6 Publicidade

Para dar publicidade à sua ideologia e conseguir mais adeptos, o EI tem utilizado de forma bastante intensa as redes sociais, pelo poder de penetração que este canal tem entre os jovens, seu público-alvo prioritário.

A expansão do EI é visível ainda, e muito particularmente, no ciberespaço. Desde logo, o EI mostra-se extraordinariamente hábil no uso da internet e das redes sociais para efeitos de propaganda, terror, radicalização e recrutamento, aspecto particularmente relevante na “atração” de jovens ocidentais (TOMÉ, 2015, p.11).

Uma das ferramentas mais importantes para cativar pessoas a viajarem até à Síria é a *Dabiq*, uma revista mensal, escrita em inglês. Disponibilizada *online*, a revista é um dos principais instrumentos de propaganda do autodenominado Estado Islâmico, e procura cativar o seu público-alvo, quer com retratos que legitimam as ações do grupo terrorista, quer com sugestões de uma vida agradável na Síria.

O Estado Islâmico, modernizou a propaganda do terror. Das imagens tremidas de Osama bin Laden (e seus seguidores da Al Qaeda) algures nas montanhas do Afeganistão, passou-se para uma espécie de Jihad 2.0. (SIMÕES, 2016).

Além das publicações digitais, lançam vídeos na internet com alta qualidade cinematográfica e criaram a *Amaq*, uma agência de notícias para divulgação de textos jornalísticos em várias línguas. Eles utilizam a plataforma WordPress para disseminação noticiosa e o Telegram, para enviar mensagens criptografadas, a partir do *al-Hayat-Media*, o centro de operações midiáticas do *Daesh*.

Existe um verdadeiro exército de trabalhadores no departamento de media, que é mais importante que os soldados. Têm um salário maior e melhores carros. Podem encorajar os que estão em combate e trazer mais recrutas para o Estado Islâmico. (SIMÕES *apud* WASHINGTON POST, 2016).

“O EI se mostrou muito bem adaptado à guerra moderna. Os oficiais do exército regular iraquiano, em Mossul, receberam antes do ataque mensagens em seus celulares dizendo: ‘Fujam, pois vão perder a cidade e suas vidas’ (FOTORRINO; SCHEIBE, 2016, p. 125).

### 3 COMPARAÇÃO POLÍTICA E IDEOLÓGICA: UMA HISTÓRIA DE ANIMOSIDADE

Várias forças continuam a separar os dois grupos. Talvez o mais superficial seja um choque de personalidades entre os líderes, especialmente dos altos escalões. Uma grande dose de animosidade era latente entre o autoproclamado califa do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, e o chefe da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri. Al-Baghdadi também desprezava Abu Mohammed al-Golani, líder do Hayat Tahrir al-Sham, o grupo rebelde sírio anteriormente conhecido como Jabhat al-Nusra. Sua inimizade ficou clara na propaganda dos grupos. Al-Baghdadi fez ataques diretos e pessoais contra al-Zawahiri e al-Golani.

As revistas de língua inglesa do Estado Islâmico, Dabiq<sup>27</sup> e Rumiya<sup>28</sup>, descrevem al-Zawahiri como um homem manipulador e desonesto, repetidamente rotulando-o de desviante e acusando-o de abandonar a pura herança deixada por Osama bin Laden. O Estado Islâmico também o apelidou de “*sahwat*”, apóstata da Al-Qaeda. Sua hostilidade em relação a seus rivais não parece ter diminuído muito em meio às suas pungentes derrotas no campo de batalha.

A amargura parece fluir nos dois sentidos. Al-Zawahiri se referiu aos combatentes do Estado Islâmico como mentirosos e *kharijitas* (rebeldes radicais) que descaracterizaram a doutrina da Al-Qaeda. Ele também refutou o título de califa de al-Baghdadi, e descreveu as propriedades do Estado Islâmico como “um califado de explosões, danos e destruição”. Outros líderes da Al-Qaeda - incluindo al-Golani e os líderes da Al Shabaab, Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP) e Al-Qaeda no Magreb Islâmico - foram rápidos em se unir a al-Zawahiri em suas críticas ao Estado Islâmico.

De fato, simpatizantes da Al-Qaeda na Síria lançaram uma nova revista em inglês em chamada Al-Haqiqa, que não apenas faz protestos contra o Estado Islâmico, mas também apresentou uma imagem de al-Baghdadi envolta nas chamas do inferno.

---

<sup>27</sup> Dabiq foi uma revista online usada pelo Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) para a radicalização islâmica e recrutamento. Foi publicada pela primeira vez em julho de 2014 em diversos idiomas, incluindo o inglês. A própria Dabiq afirma que a publicação é para propósitos de unitarismo, busca da verdade, migração, guerra santa e comunidade (*tawhid, manhaj, hijrah, jihad e jama'ah*, respectivamente).

<sup>28</sup> Rumiya é uma revista online usada pelo Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) para propaganda e recrutamento. Foi publicada pela primeira vez em setembro de 2016 e é lançada em vários idiomas, incluindo inglês, francês, alemão, russo, indonésio e uigur. A revista substituiu Dabiq, Dar al-Islā e outras revistas que foram lançadas até meados de 2016. Os analistas atribuíram a mudança de nome em parte à perda iminente da cidade de Dabiq para uma ofensiva militar liderada pela Turquia, que ocorreu em outubro de 2016. O nome Rumiya (Roma) é uma referência a um hadith no qual Muhammed disse que os muçulmanos conquistariam Constantinopla.

### 3.1 Diferenças entre a Al-Qaeda e o Daesh

Embora a Al-Qaeda e o Daesh, em uma primeira visão, lutem a mesma batalha contra um inimigo comum e compartilhem da mesma ideologia, um exame minucioso revela uma série de diferenças fundamentais entre os dois, como se segue:

#### 3.1.1 *Visão política*

A Al-Qaeda acredita principalmente em uma espécie de *jihad* defensiva, declarada contra a cultura ocidental, principalmente a cultura política dos EUA, que eles acreditam ser totalmente anti-islâmica e uma ameaça ao mundo islâmico.

A liderança acredita que todo verdadeiro crente deve ir adiante para desaprovar o Ocidente e defender o Islã. O grupo, entretanto, não acredita em estabelecer um califado à força, mas quer deixá-lo em consenso entre os seminários islâmicos.

O Daesh, por outro lado, acredita que todo muçulmano deve considerar como dever sagrado contribuir na luta armada para estabelecer o califado à força para todo o mundo muçulmano. O grupo tem uma visão mais medieval e fundamentalista do que a Al-Qaeda.

A Al-Qaeda geralmente não diferencia as várias correntes muçulmanas. O Daesh, por outro lado, defende as causas do islamismo radical sunita.

O inimigo declarado da Al-Qaeda são os EUA, seus aliados ocidentais na Europa e a Índia, devido à presença de muçulmanos no subcontinente. Muitos dos alvos da Al-Qaeda são os países ocidentais para fomentar o medo entre os cidadãos norte-americanos e europeus.

A Al-Qaeda tem sido mais tática em ataques e nunca deu destaque a assassinatos, decapitações, tortura e estupro, enquanto que o Daesh acredita principalmente nessas ações com reféns, incluindo, neste universo, crianças e comunidades não-muçulmanas ou de outras vertentes do islamismo.

A população muçulmana mais moderada é considerada hipócrita pelos grupos fundamentalistas islâmicos. No entanto, a Al-Qaeda é tolerante com os muçulmanos moderados. O Daesh, por outro lado, tem tolerância zero e não hesita em lhes aplicar a brutalidade.

A Al-Qaeda permaneceu, em grande parte, como uma organização secreta, com o comando confinado entre os associados próximos a Osama bin Laden. O Daesh, de outra forma, é uma fusão de grupos terroristas sunitas radicais, frequentemente liderados por ex-oficiais do antigo Exército Iraquiano ligados ao partido Baath, de Saddam Hussein, no Iraque.

O próprio Osama bin Laden foi o principal doador financeiro da Al-Qaeda, além de numerosos magnatas de negócios endinheirados da Arábia Saudita e do Oriente Médio, considerando que o Daesh tinha uma série de esquemas geradores de dinheiro, como a venda ilegal de petróleo, extorsão e tráfico de drogas.

A liderança da Al-Qaeda consiste em seguidores que eram próximos de Bin Laden, mantendo-se reservada, e acredita em indivíduos crentes verdadeiros do Islã para lutar principalmente contra a cultura moderna ocidental, através de discursos religiosos. O Daesh é liderado de maneira coletiva, que é menos sigilosa, exortando os muçulmanos, com linguagens simples, a combater os não muçulmanos com o objetivo de estabelecer o domínio do Califado em todo o mundo.

A utilização de líderes e ativistas da Al-Qaeda depende mais de métodos primitivos de comunicação e menos de aparelhos modernos, embora a formação em redes seja a noção básica da formação desse grupo, o que se reflete em seu nome, cujo significado é “A Base” – em referência à base de dados montada por Osama bin Laden. O Daesh, por outro lado, é mais aberto ao uso de equipamentos de telecomunicações e redes sociais, utilizando-os além da função de objeto de propaganda, mas também como uma forma eficiente de recrutamento de novos seguidores.

É claro que o conflito contínuo dos grupos é muito mais profundo do que uma disputa entre os líderes. O Estado Islâmico discorda de vários princípios da filosofia da Al-Qaeda, conforme codificado nas Diretrizes Gerais para a Jihad (ZAWAHIRI, [s.d.]).

Em setembro de 2013, al-Zawahiri aconselhou os *jihadistas* a evitarem os xiitas, uma instrução que enfureceu particularmente o Estado Islâmico. Em vez disso, al-Zawahiri diz que a *jihad* deveria ser dirigida aos Estados Unidos e à Aliança dos Cruzados<sup>29</sup>. Orienta que as seitas desviantes do islamismo, como o xiismo<sup>30</sup>, o ismaelismo<sup>31</sup> e o sufismo<sup>32</sup> devem ser atacadas apenas em autodefesa. Além disso, al-Zawahiri proíbe seus seguidores de atacar as casas, locais de culto, festas religiosas ou reuniões sociais de membros de outras seitas islâmicas. Em comparação, o Estado Islâmico acredita que essas seitas desviantes, como as consideram, são heréticas e devem ser destruídas. A disparidade nas crenças dos dois grupos

---

<sup>29</sup> Termo utilizado por líderes muçulmanos para definir a União Europeia.

<sup>30</sup> Movimento dos xiitas, que são o segundo maior ramo de crentes do Islã, constituindo 16% do total dos muçulmanos.

<sup>31</sup> Considerado como corrente minoritária do xiismo.

<sup>32</sup> Forma de misticismo e ascetismo islâmico, hostil à ortodoxia muçulmana, caracterizado por uma crença de fundo panteísta e pela utilização da dança e da música para uma comunhão direta com a divindade.

deriva, em grande medida, de suas interpretações da doutrina *takfir*<sup>33</sup> do Islã, que aborda a capacidade de rotular os muçulmanos como apóstatas<sup>34</sup>, oferecendo, assim, justificativa para eliminá-los. O Estado Islâmico acredita que pode declarar seitas inteiras como apóstatas, mas a Al-Qaeda acredita que a doutrina *takfir* deve ser usada com maior controle.

Um ponto em que os grupos divergem ainda mais amplamente é a questão dos não-muçulmanos que vivem em terras muçulmanas. Segundo a Al-Qaeda, os *jihadistas* devem evitar atacar as comunidades cristãs, *sikhs* e hindus que vivem em países de maioria muçulmana, a menos que transgridam contra os muçulmanos (o que seria motivo para uma resposta proporcional). Mas os massacres dessas comunidades e os ataques a seus lares, locais de culto e confraternizações têm sido uma marca registrada do Estado Islâmico desde a sua criação. Essa diferença filosófica levou a Al-Qaeda a repreender severamente o Estado Islâmico pelo bombardeio de mesquitas no Iêmen, bem como por muitas de suas atividades no Iraque e na Síria.

Enquanto isso, o Estado Islâmico se opôs aos apelos da Al-Qaeda para que os *jihadistas* do mundo apoiassem revoltas populares contra regimes opressivos. Quando a Al-Qaeda elaborou suas diretrizes, esperava usar as manifestações da Primavera Árabe para aumentar sua imagem internacional e os *jihadistas* se uniram para participar de protestos violentos no Egito e na Tunísia. O Estado Islâmico, no entanto, acusou a Al-Qaeda de distorcer a natureza da *jihad*, transformando-a de luta para a busca de apoio popular e democracia - um pecado mortal aos olhos da maioria dos *jihadistas*.

Essas diferenças de doutrina não são novas. Embora o Daesh não tenha abandonado formalmente a Al-Qaeda iraquiana até fevereiro de 2014, a tensão entre as duas facções sobre o uso de violência gratuita e ataques contra xiitas e cristãos existiram por quase uma década, desde que Jamaat al-Tawhid e Jihad de Abu Musab al-Zarqawi se juntaram à Al-Qaeda em 2004. De fato, essas duradouras diferenças de opinião persuadiram Bin Laden a não aceitar al-Zarqawi no reinado da Al-Qaeda.

---

<sup>33</sup> Doutrina Takfir ou Salafismo ("predecessores" ou "primeiras gerações") ou movimento salafista é um movimento ortodoxo ultraconservador dentro do islamismo sunita. A doutrina pode ser resumida por ter "uma abordagem fundamentalista do Islã, emulando o profeta Maomé e seus primeiros seguidores". Eles apoiam a aplicação da Xaria (lei islâmica). O movimento é frequentemente dividido em três categorias: o maior grupo são os puristas, que evitam a política; o segundo maior grupo são os ativistas, que se envolvem na política; o menor grupo é o dos *jihadistas*.

<sup>34</sup> Apóstata ou apostasia tem o sentido de um afastamento definitivo e deliberado de alguma coisa, uma renúncia de sua anterior fé ou doutrinação. Ao contrário da crença popular, não se refere a um mero desvio ou um afastamento em relação à sua fé e à prática religiosa. Pode manifestar-se abertamente ou de modo oculto. Dependendo de cada religião, um apóstata, afastado do grupo religioso no qual era membro, pode ser vítima de preconceito, intolerância, difamação e calúnia por parte dos demais membros ativos.

Embora os líderes *jihadistas* no Iraque, incluindo al-Zarqawi, tenham visto as vantagens de recrutamento e captação de recursos pela adoção da marca da Al-Qaeda, eles nunca abraçaram totalmente sua visão. De fato, eles frequentemente ignoravam a orientação da Al-Qaeda. Antes de ingressar na organização, o grupo de al-Zarqawi construiu sua própria identidade e filosofia com base nos ensinamentos do *jihadista* jordaniano Abu Muhammad al-Maqdisi (que, aliás, foi bastante enfático em sua condenação do Estado Islâmico e seu líder). A visão de mundo do grupo foi ainda moldada pela chegada de muitos ex-membros das forças armadas *baathistas* do Iraque. Talvez sem surpresa, o Estado Islâmico se esforçou para reconciliar sua doutrina *tawhid* original com a ideologia da Al-Qaeda que havia adotado. No final, nunca teve sucesso: o Estado Islâmico permaneceu muito mais sectário que o núcleo da Al-Qaeda e preferiu os objetivos regionais às ambições transnacionais.

Embora o EI tenha como alvo cidadãos americanos no Iraque e na Jordânia, ele nunca tentou realizar ataques no território dos EUA. A Al-Qaeda, por outro lado, continua travando uma batalha mais prolongada semelhante ao conceito maoísta da “longa guerra”<sup>35</sup>. Os líderes do grupo sempre se consideraram uma vanguarda focada em atacar os Estados Unidos e seus aliados para enfraquecê-los e despertar as massas, incitando-os a se revoltar contra seus governantes.

O Estado Islâmico, no entanto, é muito mais ambicioso. Ele enfatiza a luta local e visa seguir o exemplo do profeta Maomé, criando imediatamente um califado para servir como base para a conquista global. Embora ambos os grupos acreditem que estão se engajando em uma batalha épica para substituir uma sociedade corrupta por uma utópica, a ideologia do Estado Islâmico é de natureza mais apocalíptica.

O Daesh acredita que suas ações no Iraque e na Síria atrairão os exércitos do mundo, apenas para serem destruídos, abrindo caminho para um califado que se estenderá até os confins da Terra. Mas, as inconsistências ideológicas não são tão fáceis de ignorar, particularmente pelos esforços empreendidos pelos dois grupos para destacá-las. Explicar uma união com antigos adversários considerados apóstatas, ou *kharijitas*<sup>36</sup>, certamente seria uma tarefa difícil e delicada para os líderes de ambos os lados. Afinal, os membros de cada

---

<sup>35</sup> Longa Guerra ou Guerra Popular Prolongada foi utilizada pelo líder chinês Mao Tsé-Tung e tinha como uma das diretrizes a mobilização das massas, como o campesinato “para levar a cabo a Revolução da Democracia Nova contra o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático, e estabelecer a ditadura conjunta das classes revolucionárias dirigidas pelo proletariado como o prelúdio necessário à Revolução Socialista que deve seguir-se imediatamente à vitória da primeira etapa da Revolução” (SILVA, 2017).

<sup>36</sup> Os *Carijitas*, *Caridjitas* ou *Kharijitas* (os que cindiram) foram o primeiro ramo a formar-se no Islã durante o cisma de 655—661 entre Ali e Moáuia I sobre quem deveria ser o califa. Inicialmente partidários de Ali na contenda, rejeitaram as suas pretensões em 657, opondo-se igualmente às de Moáuia.

grupo estão dispostos a morrer por uma causa que determinaram ser a interpretação correta do Islã. Além disso, embora alguns líderes *jihadistas* alegam usar a religião como um meio de manipular seus seguidores, as ações desses radicais geralmente estão de acordo com suas visões extremistas, sugerindo uma crença sincera nelas.

Como o conceito de honra é importante entre os *jihadistas*, os insultos de seus inimigos não serão logo esquecidos. Isso não quer dizer que a Al-Qaeda e o Estado Islâmico não encontrem formas de trabalhar juntos em nível local, especialmente em áreas onde eles não atacaram um ao outro. Na verdade, esse tipo de cooperação já surgiu em algumas partes da Síria, onde combatentes como Hayat Tahrir al-Sham<sup>37</sup> e Estado Islâmico estão operando longe dos territórios centrais dos grupos. Mas a cooperação é muito diferente da reunificação. No mesmo sentido, membros individuais ou unidades de cada grupo podem desertar para o outro lado, especialmente se uma organização enfraquece além do reparo.

Há uma longa história de deserções na Síria e no Iraque, onde os combatentes são conhecidos por se juntarem a grupos rivais em grande número. Mas, novamente, as deserções não são a mesma coisa que fundir duas ideologias inteiramente separadas. Para que uma reconciliação formal se torne remotamente possível, a Al-Qaeda e o Daesh teriam que começar o processo de consertar os laços mudando visivelmente a forma como eles retratam cada um. Até que isso aconteça, as chances de colocarem suas diferenças de lado são, de fato, improváveis.

### 3.1.2 Perfis de ameaça

A disputa entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda é mais do que apenas uma luta pelo poder dentro do movimento *jihadista*. As duas organizações diferem nas estratégias, táticas, outras preocupações fundamentais e principais inimigos. Como resultado, a ameaça que eles representam aos Estados Unidos também é diferente.

Embora o objetivo final da Al-Qaeda seja derrubar os regimes corruptos apóstatas no Oriente Médio e substituí-los pelo que consideram verdadeiros governos islâmicos, o principal inimigo do grupo são os Estados Unidos. Seus integrantes acreditam que acabará induzindo o governo norte-americano a acabar com o apoio a certos governos cujo estado é

---

<sup>37</sup> Hay'at Tahrir al-Sham (Organização pela Libertação do Levante ou Comité de Libertação do Levante), simplesmente conhecido por Tahrir al-Sham e tendo como abreviatura de HTS, ou, também conhecido como Al-Qaeda na Síria, é um grupo militante salafista *jihadista* envolvido na Guerra Civil Síria.

muçulmano e a se retirarem completamente da região, deixando os regimes vulneráveis a ataques internos.

A Al-Qaeda considera os muçulmanos xiitas como apóstatas, mas acreditam que o assassinato é extremo demais, desperdício de recursos e prejudicial ao projeto *jihadista* mais amplo. No entanto, al-Zawahiri não pode se opor abertamente ao sectarismo pois ele é uma figura muito popular e, com o massacre sectário na guerra civil na Síria, muitos no mundo muçulmano o consideram atraente.

O Estado Islâmico não segue a estratégia da Al-Qaeda de atacar um inimigo distante, preferindo realizar atos próximos do inimigo, embora em nível regional. Como tal, o principal alvo do Estado Islâmico não tem sido os Estados Unidos, mas sim regimes apóstatas no mundo árabe, como o regime de Bashar al-Assad, na Síria, e o de Abadi, no Iraque. Como seus antecessores, al-Baghdadi favorece a purificação da comunidade islâmica, primeiro atacando xiitas e outras minorias religiosas, bem como grupos *jihadistas* rivais. A longa lista de inimigos do Estado Islâmico inclui os xiitas iraquianos, os libaneses do Hezbollah, os *yazidis* (uma minoria étnico-religiosa curda localizada predominantemente no Iraque) e grupos opositores rivais na Síria – incluindo Jabhat al-Nusra<sup>38</sup> (a Al-Qaeda oficial afiliada na Síria).

Com a atuação ostensiva em resposta à intervenção dos Estados Unidos e outros no conflito, os civis ocidentais na região (incluindo jornalistas e trabalhadores humanitários) também se tornaram alvos – embora o Estado Islâmico os tenha visto como hostis antes da intervenção dos EUA. Os assessores militares americanos, que estão no Iraque para apoio das forças armadas iraquianas, se tornaram ostensivamente um alvo primário do Estado Islâmico. Contudo, a falta de tropas dentro do alcance inimigo diminui esse perigo.

A Al-Qaeda, há muito tempo, usa uma combinação de estratégias para alcançar seus objetivos. Para combater os Estados Unidos, planeja espetáculos terroristas para eletrificar o mundo muçulmano e fazê-lo seguir a sua bandeira. Essa estratégia visa convencer os Estados Unidos a se retirarem do mundo muçulmano, como exemplo do que aconteceu quando os norte-americanos se retiraram do Líbano quando o Hezbollah<sup>39</sup> bombardeou o quartel dos fuzileiros navais e a embaixada norte-americana no país, em 1983 (RECOMPENSAS, [s.d.]), e o incidente do Blackhawk Down contra milicianos na Somália (BOWDEN, 1999), em 1993.

---

<sup>38</sup> Frente al-Nusra (Frente de Suporte para o Povo da Síria) é um grupo militar com proposta ideológica jihadista e sunita que atua na Guerra Civil da Síria e em outros conflitos como uma milícia extremamente agressiva. Sua criação ocorreu no mês de janeiro de 2012 a partir de soldados desertores, mercenários de diversas partes da Europa, entre outras pessoas com interesse de lucro na luta armada.

<sup>39</sup> Organização com atuação política e paramilitar fundamentalista islâmica xiita sediada no Líbano.

Além disso, a Al-Qaeda apoia insurgentes no mundo islâmico para lutar contra regimes apoiados pelos EUA (e forças estadunidenses em lugares como o Afeganistão, onde espera replicar a experiência soviética). A organização também utiliza propaganda massiva para convencer os muçulmanos de que a *jihad* é sua obrigação e de levá-los a adotar seus objetivos em relação à população local.

O Estado Islâmico abrange alguns desses objetivos. Entretanto, ainda que haja igualdade em certos princípios, sua abordagem é bem diferente. Sua estratégia é controlar o território, consolidando e expandindo constantemente sua posição. Parte desse plano é ideológico, para criar um governo onde os muçulmanos possam viver sob a lei islâmica (ou a versão distorcida do Estado Islâmico). Parte disso é uma estratégia básica, pois controlando o território, ele pode construir um exército e, usando seu exército, pode controlar mais territórios.

As táticas preferidas dos dois grupos refletem essas diferenças estratégicas. A Al-Qaeda há muito favorece ataques dramáticos em grande escala contra alvos estratégicos ou simbólicos: os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001 são os mais proeminentes. Outros atentados contra as embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia, em 1998, o ataque ao USS Cole no porto de Aden, em 2000, e conspirações como a tentativa de derrubar mais de 10 voos transatlânticos em 2005 mostram uma ênfase no espetacular. Ao mesmo tempo, a Al-Qaeda apoiou uma série de ataques terroristas menores contra alvos inimigos ocidentais, judeus e outros grupos com insurgentes treinados e, com outra tática, tentou construir exércitos de guerrilha.

No entanto, embora a Al-Qaeda tenha repetidamente apelado a ataques contra ocidentais, e especialmente contra os norte-americanos, absteve-se de matar ocidentais quando isso serviu aos seus propósitos. Talvez o exemplo mais notável disso seja encontrado em várias ocasiões ao conceder aos jornalistas ocidentais uma passagem segura para os refúgios da organização e permitir que entrevistassem Bin Laden pessoalmente.

O terrorismo não funciona se ninguém está assistindo – e nos dias antes de surgirem o YouTube e o Twitter, a Al-Qaeda precisava de jornalistas ocidentais para levar sua mensagem ao seu público-alvo. O grupo frequentemente adota uma abordagem semelhante para trabalhadores humanitários ocidentais operando em seu meio: em pelo menos duas ocasiões, altos líderes da Al-Qaeda, ligada à organização Jabhat al-Nusra, imploraram ao Estado Islâmico para libertar trabalhadores humanitários ocidentais que tinham capturado e ameaçado executar. Os líderes da Al-Qaeda argumentaram que esses indivíduos, o britânico Alan Henning e o norte-americano Peter Kassig, eram inocentes que estavam arriscando suas

vidas para ajudar a aliviar o sofrimento dos muçulmanos na Síria e que o sequestro e a execução deles eram errados sob a lei islâmica. Os argumentos não surtiram efeitos e o Estado Islâmico executou os dois reféns.

O EI evoluiu a partir das guerras civis no Iraque e na Síria, e suas táticas refletem esse contexto. Seu foco é a conquista. Para atingir seu objetivo, utiliza artilharia, forças concentradas e até mesmo tanques e MANPADS<sup>40</sup>, para invadir novas áreas ou defender as propriedades já conquistadas. O terrorismo, nesse contexto, faz parte da guerra revolucionária. É utilizado para atingir psicologicamente o moral do exército e da polícia, forçar uma reação sectária ou criar dinâmicas que ajudem na conquista do alvo. Pode-se dizer que é um complemento de uma luta mais convencional.

No território que controla, o Estado Islâmico usa execuções em massa, decapitações públicas, estupro e exibições simbólicas de crucificação para aterrorizar a população através da submissão e “purificar” a comunidade, ao mesmo tempo que fornece serviços básicos à população. A mistura lhes dá algum apoio, ou pelo menos aprovação devido ao medo. A Al-Qaeda, ao contrário, favorece uma abordagem mais suave. Uma década atrás, al-Zawahiri criticou os *jihadistas* iraquianos por sua brutalidade, acreditando corretamente que isso viraria a população contra eles e alienaria a comunidade muçulmana em geral.

A Al-Qaeda recomenda o proselitismo nas regiões da Síria, onde o grupo afiliado Jabhat al-Nusra tem domínio, tentando convencer os muçulmanos locais a adotar as opiniões da organização, em vez de forçá-los a fazê-lo. O Estado Islâmico, por outro lado, acredita que a *jihad* no Iraque, por exemplo, não foi suficientemente brutal.

Tanto a Al-Qaeda quanto o Estado Islâmico professam liderar a causa *jihadista* em todo o mundo muçulmano. Após o 11 de setembro, a Al-Qaeda começou a criar afiliadas ou forjar alianças com grupos existentes, expandindo seu alcance, mas ao mesmo tempo expondo sua marca aos delitos de grupos locais, como aconteceu no Iraque. Como parte de sua competição com o Estado Islâmico, a organização aumentou a filiação, estabelecendo relações com grupos no Cáucaso, Tunísia e Índia. O Estado Islâmico está jogando este jogo também, e onde quer que haja um chamado para a *jihad*, há uma rivalidade: Afeganistão, Argélia, Líbia, Paquistão, Sinai, Iêmen e outras terras muçulmanas fazem parte da competição.

---

<sup>40</sup> Sistemas portáteis de defesa antiaérea (MANPADS ou MPADS) – são mísseis superfície-ar (SLSAMs) lançados do ombro. São tipicamente armas guiadas apresentando-se como uma ameaça à aviação de baixa altura.

No Iêmen, a Al-Qaeda explorou o caos de lá para tomar território, libertando militantes presos e apreendendo armas. Na Síria, o grupo Jabhat al-Nusra cooperou com outros terroristas para fazer no *Idlib*<sup>41</sup> um avanço importante, bem como outros ganhos.

O Estado Islâmico ganhou apoio de vários grupos *jihadistas* importantes. Boko Haram<sup>42</sup>, na Nigéria, e Ansar Bayt al-Maqdis<sup>43</sup>, no Egito, formalmente prometeram fidelidade ao EI e agora são considerados afiliados oficiais ou províncias do Estado Islâmico. Em março de 2015, o Estado Islâmico reconheceu formalmente sete províncias, inclusive na Líbia – de onde muitos de seus combatentes estrangeiros saúdam – e no Iêmen – onde agora está em concorrência direta com a Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP). Em março, simpatizantes do Estado Islâmico no Iêmen bombardearam mesquitas *Houthi*, utilizando a narrativa de guerra sectária que o grupo enfatiza há muito tempo e que a Al-Qaeda há muito procura suprimir. A Al-Qaeda imediatamente divulgou um comunicado negando publicamente qualquer envolvimento nos atentados à bomba. É difícil, no entanto, avaliar o nível geral de apoio que o Estado Islâmico possui. A Al-Qaeda historicamente tem sido bastante tranquila para um grupo terrorista quando se trata de reclamar e se vangloriar de ataques, enquanto o Estado Islâmico exagera com frequência sua própria proeza e seu papel.

O *Daesh* procura estabelecer províncias. Na prática, isso é difícil determinar. No passado, quando um afiliado se unia à Al-Qaeda, geralmente recebia mais atividades regionais e perseguia mais alvos internacionais em sua região, mas não se concentrava em ataques no Ocidente – apenas uma afiliada da Al-Qaeda priorizou a conquista da pátria e da Europa dos EUA. O foco do Estado Islâmico continua sendo a expansão no mundo muçulmano e, por enquanto, é provável que seus afiliados se concentrem lá. Ao assumirem o rótulo do Estado Islâmico, os grupos locais parecem querer se unir a uma marca que chamou a atenção de *jihadistas* em todo o mundo, pois esta facção é mais propensa a abraçar as táticas bárbaras do Estado Islâmico – como decapitações –, bem como sua orientação sectária.

---

<sup>41</sup> A Província de Idlib é uma das 14 províncias da Síria. Está situada na porção noroeste do país, na fronteira com a Turquia. Sua área não está completamente estabelecida. Os dados variam de 5.933 km<sup>2</sup> a 6.097 km<sup>2</sup>. Possui uma população estimada em 1.359.000 habitantes (estimativa de 2007). A capital é Idlib.

<sup>42</sup> Boko Haram "a educação ocidental ou não-islâmica é um pecado", nas línguas faladas no Norte da Nigéria, oficialmente, é uma organização fundamentalista islâmica de métodos terroristas, que busca a imposição da lei sharia no norte da Nigéria.

<sup>43</sup> Ansar Bait al-Maqdis ou Ansar Jerusalem ("Defensores de Jerusalém") é um grupo jihadista baseado no Egito; muitos membros baseados no Sinai juraram lealdade ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante e a maior parte do grupo tornou-se uma província do Estado Islâmico, renomeando-se Wilayat Sina (Província do Sinai). Principal grupo por trás da atividade militante no Sinai.

### 3.1.3 Implicações

O *Daesh*, ao contrário da Al-Qaeda, parece sair vencedor em seus objetivos: triunfante no Iraque e na Síria, enfrentando os apóstatas xiitas e até mesmo o ocidente em nível local, apresentando uma visão de governança islâmica que a Al-Qaeda não pode igualar. No entanto, essa ascendência pode ser transitória. O destino do Estado Islâmico está ligado ao Iraque e à Síria, e a reversão no campo de batalha – mais provavelmente agora que os Estados Unidos e seus aliados estão mais engajados – poderia reduzir seu apelo ao longo do tempo. Como sua organização predecessora no Iraque, o EI também pode descobrir que sua brutalidade repele mais do que atrai, diminuindo seu brilho entre os possíveis apoiadores e tornando-o vulnerável quando as pessoas se voltam contra ele.

No entanto, os triunfos do Estado Islâmico até agora têm implicações profundas no contraterrorismo do Ocidente. A ênfase do grupo está em consolidar e expandir seu estado e até mesmo os muitos combatentes estrangeiros que aderiram à sua bandeira estão sendo usados em atentados suicidas ou outros ataques a seus inimigos imediatos, não em conspirações no Ocidente. Contudo, os serviços de inteligência e segurança ocidentais estão em alerta máximo contra a ameaça que representam.

Neste sentido, o Estado Islâmico é muito mais bem-sucedido em alcançar seus objetivos do que a Al-Qaeda tem sido –, transformando-se pouco a pouco em um “estado” que controla e governa seu território. Sua presença militar está agitando o Iraque e a Síria e a ameaça que representa se estende à Jordânia, Arábia Saudita, Egito, Líbia, Iêmen e, especialmente, ao Líbano. Os milhares de combatentes estrangeiros sob sua bandeira correm o risco de uma maior instabilidade regional, no mínimo, e os funcionários dos EUA legitimamente temem que eles representem um problema de contraterrorismo para o Ocidente. Ideologicamente, o sectarismo que ele fomenta está agravando a tensão xiita-sunita em toda a região, tornando-se uma ameaça muito maior à estabilidade no Oriente Médio do que a Al-Qaeda.

A iniciativa na utilização das redes sociais, onde expande virtualmente seu apelo geral, possibilita o *Daesh* a mobilizar “lobos solitários<sup>44</sup>” para atacar no Ocidente. Muitos desses indivíduos terão pouco ou nenhum contato com o Estado Islâmico como organização, mas acham que sua ideologia e métodos são atraentes e agirão por conta própria. Ironicamente,

---

<sup>44</sup> Um lobo solitário ou terrorista lobo solitário é alguém que prepara e comete atos violentos sozinho, fora de qualquer estrutura de comando e sem assistência material de qualquer grupo. No entanto, militante engajado pode ser influenciado ou motivado pela ideologia e crenças de um grupo externo, ou agir em apoio a um grupo.

alguns desses indivíduos podem ter preferido ir ao Iraque e à Síria, mas os esforços de interrupção ocidentais facilitam o ataque em casa.

O Ocidente poderia explorar a luta entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda e, idealmente, diminuir os dois. As disputas internas vão contra o que qualquer organização alega querer, e diminui o apelo da *jihad* se os voluntários acreditarem que estarão combatendo o *jihadista* no quartelão em vez do regime de Bashar al-Assad, americanos, xiitas ou outros inimigos. Esforços para parar os combatentes estrangeiros (militantes de diversas partes do globo, que atenderam o chamado da *jihad*) devem enfatizar essa briga interna. A estratégia de mídia social do Estado Islâmico também é uma fraqueza de propaganda: como a organização permite esforços de baixo para cima, corre o risco de permitir que o mais tolo membro de baixo nível defina o grupo. Investigar suas atrocidades, especialmente contra outros muçulmanos sunitas, desacreditará constantemente o grupo.

Os esforços militares importam tremendamente para além do teatro de operações imediato. Para a Al-Qaeda, a constante campanha de drones<sup>45</sup> no Afeganistão diminuiu o núcleo do Paquistão e dificultou o controle sobre o movimento mais amplo. O próprio al-Zawahiri é um alvo importante, já que ele é a última grande figura da geração original da Al-Qaeda com um perfil global e que não será facilmente substituído. Para o Estado Islâmico, a derrota no terreno influenciará mais na diminuição de seu apelo ideológico do que qualquer medida de propaganda. A missão autoproclamada do grupo – estabelecer e expandir um califado – também é uma vulnerabilidade. Se falhar nesta missão, ao perder território, seu brilho diminuirá.

A ameaça para os cidadãos dos EUA no exterior, perto de zonas de conflito, continua alta. A Al-Qaeda, seus afiliados e grupos *jihadistas* locais os colocam em sua mira, e o Estado Islâmico provavelmente fará o mesmo. O nível geral de risco permanece mais ou menos semelhante, mas sua forma de execução, se capturados, provavelmente será mais desumana nas mãos do Estado Islâmico.

Por causa do apelo e força dos afiliados da Al-Qaeda e do Estado Islâmico, programas para reunir inteligência e desenvolver a força dos regimes locais (e às vezes subestimar grupos quando o regime é fraco ou hostil como no caso da Síria) são vitais. Estes devem ter recursos adequados e ser burocraticamente priorizados. Por vezes, os agentes de inteligência devem ser implantados em áreas perigosas, assumindo riscos consideráveis. Particularmente é

---

<sup>45</sup> Veículo aéreo não tripulado e controlado remotamente que pode realizar inúmeras tarefas. ... Em português, o dispositivo pode ser chamado também de VANT, acrônimo para veículo aéreo não tripulado, ou VARP, sigla para veículo aéreo remotamente pilotado — “drone” é uma palavra inglesa que significa zangão.

importante identificar áreas potenciais de expansão para grupos *jihadistas* e trabalhar com aliados para exercer controle, eliminando problemas pela raiz. Nigéria, Líbia e Iêmen são apenas alguns dos países onde os problemas agravaram-se ainda mais –, embora tenha atraído apenas atenção limitada dos EUA.

O Ocidente deve se preparar para enfrentar um adversário dividido. A luta interna pode consumir a boa parte da atenção dos dois grupos terroristas. Contudo, o nível de violência e os ataques no Oriente Médio podem se tornar mais intensos, já que cada lado busca superar seu rival. No entanto, embora possam ocorrer picos de violência, essas lutas internas poderão minar sua capacidade de moldar a política regional, diminuindo a influência geral de ambos os movimentos e, em última análise, desacreditando o *jihadismo* em geral.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final da segunda metade do Século XX, o mundo presenciou a escalada do terrorismo islâmico. O “gatilho global” desse fenômeno que, segundo alguns historiadores, teria sido a invasão soviética ao Afeganistão, em 1979, gerou o ambiente propício à criação da Al-Qaeda, primeiro grupo terrorista multinacional e um dos mais conhecidos do Século XXI. Organizados em células de resistência, os *mujahidins*, ou guerreiros santos, tornaram insustentável a permanência dos soviéticos em solo afegão por meio de táticas de combate não convencionais. Com a saída dos soviéticos quase uma década depois, a fragmentação política e a ausência de um poder forte estabelecido possibilitou o surgimento de grupos islâmicos cada vez mais organizados e ideologicamente motivados. Osama Bin Laden, filho de um rico empresário saudita, transformou esse caldeirão efervescente na organização terrorista islâmica que seria a responsável por disseminar o terror além das fronteiras do Oriente Médio e que daria origem, no Iraque, a um grupo ainda mais violento, o Daesh.

A evolução da conjuntura política no Oriente Médio desfavorável ao Iraque, a partir de 1990, foi o pano de fundo para que o movimento terrorista islâmico se expandisse territorial e ideologicamente, transformando a Al-Qaeda e o Daesh nos protagonistas do terror do Século XXI. Aparentemente semelhantes em suas motivações, esse dois grupos se distinguem entre si, principalmente na forma como utilizam o terror para alcançar seus objetivos, que também possuem aspectos distintos.

Esses dois grupos extremistas transformaram o terrorismo islâmico em um fenômeno social de grande impacto no presente século, que é movido por interpretações distorcidas do Alcorão, cujos princípios e práticas religiosas estão traduzidos no conjunto de leis denominado *Sharia*. É uma realidade factual que não pode ser ignorada, especialmente pelas implicações de sua ideologia no que diz respeito ao domínio por meio do terror. De uma forma generalizada, trata-se de um sistema que utiliza o medo e medidas brutais para tomar ou manter o poder. É projetado especificamente para alcançar efeitos psicológicos além da vítima imediata ou objeto do ataque, atingindo a percepção de indivíduos, comunidades e até nações.

A justificativa de suas ações violentas baseia-se no pressuposto de que aquele que não segue fielmente as leis islâmicas deve ser eliminado, ou sofrer a tortura para que chegue à conversão religiosa. Essa intolerância é disseminada didaticamente, mais enfaticamente, entre aqueles que se sentem discriminados ou oprimidos por governos de nações com liberdade

religiosa, de orientação cristã ou judaica, principalmente, ou por regimes muçulmanos que sejam rotulados como apóstatas pelos grupos extremistas.

Embora complexo em suas articulações e objetivos, o terrorismo moderno teve origem séculos atrás na disputa entre sunitas e xiitas, duas correntes fundamentalistas religiosas muçulmanas, que iniciaram o confronto após a morte de seu principal líder, o profeta Maomé, em 632 D.C., para decidir quem o sucederia como califa. Com uma interpretação mais flexível dos textos sagrados e ação política e religiosa mais conciliatória e pragmática, os sunitas, maior ramo do islamismo, consideram que o sucessor não necessariamente precisa ser um descendente do profeta. Os xiitas, ao contrário, seguem princípios mais rígidos e acreditam que somente líderes descendentes da família de Maomé são aprovados por Alá e podem herdar o direito sucessório. Essas diferenças levaram ao estabelecimento de organizações terroristas islâmicas no Oriente Médio.

Com o passar dos séculos, houve mudança na visão motivacional e ideologia, embora os artificios para instaurar o terror tenham permanecido praticamente os mesmos. Enquanto os terroristas do passado eram políticos pragmáticos, tendo a maioria sido caracterizada como extremista nacionalista, os novos terroristas são definidos principalmente como extremistas religiosos e que desejam exclusivamente destruir os seus opositores.

Ao contrário da estrutura hierárquica e piramidal que tipificava grupos terroristas do passado, esse novo tipo de organização é mais linear. Embora exista uma liderança, seu papel pode ser mais titular do que efetivamente real, sendo menos uma relação de comando e controle direto e mais inspiradora e motivacional.

Nesse cenário de disputas ideológicas, a Al-Qaeda e o Daesh despontaram como os mais ativos na atualidade, impulsionados por fatores sociais, políticos e religiosos culturalmente latentes nos países do Oriente Médio. Pode-se dizer que a Al-Qaeda, de Osama Bin Laden, seu líder mais conhecido mundialmente pela propaganda contra os EUA e ataque em solo norte-americano em 11 setembro de 2001, é um tipo de terrorismo mais moderado; e o Daesh, de al-Baghdadi, que se originou da Al-Qaeda iraquiana, mas que, com o passar do tempo, passou a ser uma espécie de seu opositor, tornou-se mais cruel nos atos de terrorismo do que sua organização-mãe. O Daesh assimilou o radicalismo islâmico que tomou conta do Iraque após a ocupação norte-americana, em 2003. A investida militar dos EUA, que não obteve os resultados esperados, aumentou em muito a instabilidade na região. O vazio deixado com a morte de Saddam Hussein, em 2006, facilitou ainda mais o conflito, favorecendo o fortalecimento de grupos extremistas em um país fragilizado e entregue ao governo xiita de al-Maliki.

A Al-Qaeda e o Daesh contam com inúmeros afiliados que ainda hoje lançam um desafio aberto à sociedade global. A perda de vidas humanas, dinheiro, destruição de patrimônio material e infraestrutura é um preço alto pago pela humanidade diante dessa grande ameaça que tem se alastrado. Além do que, a comunidade muçulmana adepta das boas práticas religiosas de convívio pacífico passou a ser vista com suspeição pelos ocidentais por causa de professarem a mesma religião, ainda que com interpretações individuais do livro sagrado.

A Al-Qaeda acredita principalmente em uma espécie de defesa da *jihad* (luta religiosa) e não acha que o califado deva ser estabelecido forçosamente, mas por meio de um consenso entre os muçulmanos. O Daesh, por outro lado, acredita que todo muçulmano deve considerar que é um dever sagrado contribuir na luta armada para estabelecer o califado forçado para todo o mundo muçulmano. Por essas diferentes visões, a Al-Qaeda geralmente não se diferencia entre os muçulmanos. O Daesh, por outro lado, defende as causas do islamismo radical sunita, mostrando-se como uma ameaça mais grave, difusa e mais complexa.

Diante de tais considerações, é possível concluir que o ambiente político e social em degradação no Oriente Médio no final do Século XX favoreceu o surgimento de grupos radicais como a Al-Qaeda e o Daesh levando-os ao seu protagonismo no século atual. O acirramento das tensões internas de militantes engajados na luta contra a invasão e opressão estrangeira, especificamente no Afeganistão no final da década de 1990, associado à conjuntura desfavorável ao Estado do Iraque nas duas guerras recentes, fragilizado pela retirada norte-americana da região e morte de Sadam Hussein, foram os ingredientes necessários para a formação e fortalecimento dessas organizações terroristas.

Seja qual for a motivação que alimenta esse fenômeno, o terrorismo constitui, em todas as suas formas e manifestações, uma das mais sérias ameaças à paz e à segurança mundial e um dos movimentos mais perturbadores dos últimos anos. O recrudescimento da violência por parte dos novos grupos, como o Daesh, é um flagelo que ganhou força e cujas iniciativas de combate de diversas nações não têm obtido resultados positivos na sua erradicação. O uso de militantes suicidas facilita o crescimento desses grupos pois são pessoas totalmente dedicadas à causa e que não medem esforços para executar seus objetivos, mesmo que seja com a morte, contando geralmente com amplo apoio popular. Por outro lado, a competição entre o EI e a Al-Qaeda pela liderança do *jihadismo* global tende a instigar e agravar conflitos e a promover atentados em busca da afirmação da “marca” *jihadista*.

Queda de regimes, guerras civis, desocupação militar estrangeira de países da região, perseguição e opressão a grupos vulneráveis da sociedade, entre outros fatores, formam um

ambiente propício para a ascensão de organizações extremistas islâmicas. Sua atuação é fortalecida pelo treinamento e experiência que essas organizações adquiriram durante a *jihad* do Iraque e do Afeganistão e o financiamento de empresas e indivíduos afetos à causa. As complexas conexões estabelecidas entre os grupos e os Estados, como a manipulação ou o apoio a movimentos extremistas como meio de avançar ou defender interesses, agrava cada vez mais essa realidade. Isto possibilita que os grupos radicais obtenham recursos como armamentos e apoio financeiro, e melhorem sua capacidade de mobilização. De igual modo, a presença de nações estrangeiras consideradas idólatras ou apóstatas, nos conflitos regionais, são percebidas como uma agressão e intromissão, fortalecendo o discurso dos extremistas e sua capacidade de recrutamento.

Esse é um dos maiores desafios no qual o mundo já esteve em toda sua história, onde as dúvidas e incertezas passaram a constituir o denominador comum entre os líderes mundiais e os povos de todos o planeta. Uma guerra irregular, cujos inimigos são militantes apaixonados pela causa e que colocam em risco o Estado nacional como conhecemos. Uma guerra assimétrica, onde não se distingue nela um campo de batalha demarcado e nítido e onde todos os espaços são lugar para confrontos ideológicos e militares. Uma guerra da espetacularização, que oprime o oponente pelo terror, para chamar atenção, exercer grau relevante de coerção e alarme sobre a opinião pública, ora construindo, ora destruindo consensos imaginários.

## REFERÊNCIAS

ALFARO-GONZALEZ, Lydia; et al. *Report: Lone Wolf Terrorism*. EUA: Georgetown University, 2015. Disponível em: <<http://georgetownsecuritystudiesreview.org/wp-content/uploads/2015/08/NCITF-Final-Paper.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

AL-ZAWAHIRI, Ayman. *Knights under de prophet's banner*. In: *The Theory and Practice of Islamic Terrorism*. Chapter 8, p. 49-45. By PERRY, Marvin; NEGRIN, Howard E. EUA: Palgrave Macmillan, 2008.

\_\_\_\_\_. *General Guidelines for Jihad*. [S.l]: As-Sahab Media, [s.d]. Disponível em: <<https://azelin.files.wordpress.com/2013/09/dr-ayman-al-e1ba93awc481hirc4ab-22general-guidelines-for-the-work-of-a-jihc481dc4ab22-en.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ATWAN, Abdel Bari. *A história secreta da Al-Qaeda*. São Paulo: Larousse, 2008.

AMARAL, Arthur B. *A Tríplice Fronteira e a Guerra o Terror: dinâmicas da constituição da ameaça terrorista no Cone Sul*. [S.l.]: Carta Internacional, out. 2007.

ANSA. *Nova mensagem de líder do EI é divulgada pelo grupo*. Nova York, 2014. Disponível em: <[http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2014/11/13/Nova-mensagem-lider-do-EI-divulgada-grupo\\_8182289.html](http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2014/11/13/Nova-mensagem-lider-do-EI-divulgada-grupo_8182289.html)>. Acesso em: 17 mai. 2018.

ARGO, Nicole. *Human Bombs: Rethinking Religion and Terror*. EUA: MIT Center for International Studies, 2006.

BARRY, Dan; BAKER, Al. *For 'eco-terrorism' group, a hidden structure and public messages*. USA: The New York Times, 08 jan. 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/01/08/nyregion/for-eco-terrorism-group-a-hidden-structure-and-public-messages.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BARBER, VICTORIA. *The Evolution of Al Qaeda's Global Network and Al Qaeda Core's Position Within it: A Network Analysis*. In: *Perspective of Terrorism*, v. 9, n 06. Netherland: Universiteit Leiden: dez. 2015.

BBC BRASIL. *Grupo islâmico exhibe vídeo da 'decapitação de americano'*. São Paulo: Grupo BBC, 11 mai. 2004.

BERGEN, Peter; HOFFMAN, Bruce; SIMON, Steve. *A Al-Qaeda então e agora*. In: GREENBERG, Karen (org). *Al-Qaeda*. Lisboa: Editorial Estampa, 2007, p.32.

BOWDEN, Mark. *Black Hawk Down: A Story of Modern War*. EUA: Atlantic Monthly Press, 1999.

CAMBESES JÚNIOR, Manuel. *A Guerra do Iraque um ano depois*. Portal Militar, 29 mar. 2004. Disponível em: <<http://www.militar.com.br/artigo-40-Guerra-do-Iraque-um-ano-depois>> . Acesso em: 04 mai. 2018.

CHEREM, Youssef. *Jihad: duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico*. Campos 10(2), p. 83-99. São Paulo: Unicamp, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/17045/13423>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CLICRBS. *Al-Qaeda usa internet como sala de aula para militantes*. Tecnologia. [S.l]: 2004. Disponível em: <<http://clicrbs.com.br/especial/rs/tecnologia/19,0,647851>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

DIAS, Viriato Caetano. *De terrorismo convencional ao ciberterrorismo: um estudo de caso sobre o papel da Al-Qaeda*. Lisboa: Universidade de Évora, 2011. Disponível em: <[http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2011/07/de-terrorismo-convencional-ao-ciberterrorismo-um-estudo-de-caso-sobre-o-papel-da-al-qaeda.html](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2011/07/de-terrorismo-convencional-ao-ciberterrorismo-um-estudo-de-caso-sobre-o-papel-da-al-qaeda.html)>. Acesso em: 07 fev. 2018.

DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE. Letter to the american people. [S.l]: 2016. Disponível em: <<https://www.dni.gov/files/documents/ubl/english/Letter%20to%20the%20American%20people.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

DUARTE, Felipe Pathé. *O islamismo como ideologia política de carácter secular*. n. 45, p. 97-110. Lisboa: Relações Internacionais, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n45/n45a06.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

EARTH LIBERATION FRONT – Igniting a Revolution. Direção e produção: North American Earth Liberation Front. Portland (Oregon): 417VEGAN, 2012. (19min38seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MO2pA5We34A>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

FUENTELESZ, Jorge. *Al Qaeda utiliza internet para divulgar a ideologia do terrorismo*. G1 Notícias, publicada em: 10 jan. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL2540516174,00AL+QAEDA+UTILIZA+INTERNET+PARA+DIVULGAR+A+IDEOLOGIA+DO+TERRORISMO.html>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

FOTORRINO, Éric; SCHEIBE, Fernando. *Quem é o Estado Islâmico? Compreendendo o novo terrorismo*. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.

GERMANO, Felipe. *O que o Estado Islâmico quer?* Super Interessante, 04. nov. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-o-estado-islamico-quer/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

GLOBAL SECURITY. *Attacks on US Warships in Port of Aden*. Washington: Global Security Org, [s.d].

GOMES, Andreia F. N. *Terrorismo jihadista e contraterrorismo: estudo comparado entre a União Europeia e a Indonésia*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Disponível em: <[https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6181/3/TESE\\_\\_MESTRADO\\_RI\\_ANDREIA\\_NOGUEIRA.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6181/3/TESE__MESTRADO_RI_ANDREIA_NOGUEIRA.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

GORKA, Sebastian. *Entendendo o inimigo atual – os grandes estrategistas da jihad moderna*. *Military Review*. EUA: Army University Press, 2017. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Arquivos/Primiero-Trimestre-2017/PT-1QTR-2017-ART-004/>>. Acesso em: 23. mar. 2018.

GUEDES, Maria H. *Os misticismos*. [S.l]: Agbook, 2016.

GUNARATNA, R. *No interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *Inside Al Qaeda: Global Network of Terror*. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 05.

\_\_\_\_\_; OREG, A. *Al Qaeda's Organizational Structure and its Evolution*. *Studies in Conflict & Terrorism*, 33, 1043-1078. [S.l]: Taylor & Francis Online, 2010. Disponível em: <Al Qaeda's Organizational Structure and its Evolution>. Acesso em: 20 jan. 2018.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAMADE, Kassen. *The ex-wife: My escape from the highest leader of ISIS*. Suécia: Expressen, 2016. Disponível em: <<https://www.expressen.se/geo/kassem-hamade/the-ex-wife-my-escape-from-the-highest-leader-of-isis/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

HARTERT-MOJDEHI, Sabine. *Entenda as diferenças entre sunitas e xiitas*. [S.l]: DW, [s.d] Disponível em: <<http://www.dw.de/entenda-as-diferen%C3%A7as-entre-sunitas-e-xiitas/a-16188510>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

HOSKEN, Andrew. *Empire of Fear: Inside the Islamic State*. United Kingdon: Oneworld Publications, 2015.

ILARDI, G. J. *Al Qaeda's Operational Intelligence: A Key Prerequisite to Action*. *Studies in Conflict & Terrorism*. nº 3, p. 1072-1102 [S.l]: International Journal of Intelligence and Counter Intelligence, 2008.

KAPLOWITZ, N. *National Self-Images, perception of Enemies, and Conflict Strategies: Psychological Dimensions of International Relations, Political Psychology*. [S.l.] JSTOR, 1990. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3791515>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

KNIPP, Kersten. *Como a Guerra do Golfo mudou o Oriente Médio*. DW, 04 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-a-guerra-do-golfo-mudou-o-oriente-m%C3%A9dio/a-18625009>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

LAQUEUR, Walter. *Voices of terror: manifestos, writings, and manuals of Al-Qaeda, Hamas and other terrorists from around the world and throughout the ages*. Naperville: Sourcebooks, 2004.

LARA, A. *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2009, pp. 428-429.

LEWIS, Bernard. *A crise do islã*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

LINTON, Marisa. *Robespierre and terror*. History Today. V. 56. Issue 8. August, 2006. Disponível em: <<https://www.historytoday.com/marisa-linton/robespierre-and-terror>>. Acesso em: 07 fev. 2018

MOHAMMED, Omar Bakri. *Entrevista concedida a Paulo Moura in: revista Pública*, 18 de abr. 2004, p. 28-31.

MCGREGOR, Andrew. "*Jihad and the Rifle Alone*": 'Abdullah 'Azzam and the Islamist Revolution. V. 23, n. 2, feb. [S.l]: Journal of Conflict Studies, 2006. ISSN 1715-5673. Disponível em: <<https://journals.lib.unb.ca/index.php/JCS/article/view/219/377>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

NEVES, Joaquim C. *Os novos movimentos religiosos e o poder*. In: AAVV, Religiões e Política Mundial. Lisboa: Público e UAL, 2007. pp.132-133.

NINOMIYA, Michael. *A verdade sobre a origem e os propósitos da Al-Qaeda, invenção da CIA para justificar a "guerra global contra o terrorismo" e o intervencionismo yankee no mundo islâmico*. Blog pessoal. Wordpress, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/9t9Wbv>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

NÓBREGA, Carla J. M. F. de. *Al-Qaeda: análise estratégica da maior organização terrorista do século XXI*, 2013. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6182/3/Tese.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

NYT. *Hinckley's father tells the court, 'I am the cause of John's tragedy'*. Washington (EUA), 1982. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1982/05/13/us/hinckley-s-father-tells-the-court-i-am-the-cause-of-john-s-tragedy.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

OBSERVADOR. *Os principais ataques dos Estado Islâmico em 2015*. Lisboa, 14 nov. 2015. Disponível em: <<https://observador.pt/2015/11/14/os-principais-ataques-do-estado-islamico-em-2015/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

QUIGGIN, Tom. *Understanding Al-Qaeda's Ideology for Counter Narrative Work*, in Perspectives on Terrorism: a Journal of the Terrorism Research Initiative, v. 3, Issue 2. Netherland: TRI, 2009. Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/67/html>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

RAMOS, Graça A. *O califado de Abu Bakr al-Bagdadi*. [S.l]: RTP, [s.d.]. Disponível: <<http://media.rtp.pt/estadoislamico/a-jihad-de-al-bagdadi/forcas-e-fraquezas-estado-islamico>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

RECOMPENSAS para a Justiça. *Atos de Terror*. Washington: RFJ, [s.d.]. Disponível em: <[https://rewardsforjustice.net/portuguese/marine\\_corps\\_bombing.html](https://rewardsforjustice.net/portuguese/marine_corps_bombing.html)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ROCHA, José F.M. *A origem da evolução das ideias da física*. Salvador: EUFB, 2011.

SARFATI, G. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005.

\_\_\_\_\_; TOUTIN, Gabriela. *Análise cognitivista do terrorismo do ETA e da Al Qaeda*. 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=4&layout=html>>. Acesso em: 07 fev. 2018

SCHOLL, William. *Clarínismo*. [S.l.]: Página Popular, 17 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.paginapopular.net/clarinismo/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SETTE CÂMARA, Thiago. *Terrorismo na era da Internet: O uso de Redes Sociais pelo Estado Islâmico*. [S.l.]: Revista Relações Internacionais no Mundo Atual, v. 1, n. 21, p. 145-165, 2017. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/1381/1394>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SILVA, M. *Terrorismo e Guerrilha: das Origens à Al-Qaeda*. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.

SILVA, Eduardo H. *O que é maoísmo? Introdução ao pensamento de Mao Tsé-Tung*. [S.l.]: Jusbrasil, 2017. Disponível em: <<https://eduardohenrique310.jusbrasil.com.br/artigos/468930791/o-que-e-o-maoismo>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SIMÕES, Rui. M. *apud* Washington Post. *Daesh moderniza a propaganda do terror: é a jihad 2.0*. Diário de Notícias, 26 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/daesh-moderniza-a-propaganda-do-terror-e-a-jihad-20-5095227.html>>. Acesso em: 14 junho. 2018.

STERN, J. *Terror em Nome de Deus*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

TOMÉ, Luis. *A ascensão do Estado Islâmico*. [S.l.]: Janus, 2015a. Disponível em: <[http://janusonline.pt/images/anuario2015/1.1\\_LuisTome\\_EstadoIslamico.pdf](http://janusonline.pt/images/anuario2015/1.1_LuisTome_EstadoIslamico.pdf)>. Acesso em 12, out. 2017.

\_\_\_\_\_. *“Estado Islâmico”: percurso e alcance um ano depois da autoproclamação do “califado”*. Observare, vol. 6, nº 1, mai./out. 2015, p125-149. [S.l.]: Janus, 2015b. Disponível em: <[http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol6\\_n1/pt/pt\\_vol6\\_n1\\_art8.pdf](http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol6_n1/pt/pt_vol6_n1_art8.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2018.

UNODOC - United Nations Office on Drugs and Crime. *The Use of Internet for Terrorist Purposes*. New York: United Nations, 2012.

VEJA. *Após a morte de número 2, chefe dos Estado Islâmico divulga mensagem de áudio*. 14 mai. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/apos-morte-de-numero-2-chefe-do-estado-islamico-divulga-mensagem-em-audio/>>. Acesso em: 3 abr. 2018.

WALSH, Nick P. *Hunting for Abu Bakr al-Baghdadi*. CNN, 2014 [2m6s]. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/videos/world/2017/10/19/where-is-isis-leader-abu-bakr-al-baghdadi-pkg-paton-walsh.cnn>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. *Estado Islâmico – desvendando o exército do terror*. São Paulo: Seoman, 2015.

ZHEBIT, Alexander; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Neoterrorismo: Reflexões e Glossário*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.